

Nobel de
Economia vai para
pesquisas que
explicam o efeito
da inovação



Meta avança em
mercado de óculos
inteligentes com
modelos Ray-
Ban e Oakley



McLaren Artura é
um dos destaques
do Salão do
Automóvel, que
volta em 2025



ISTO É Dinheiro

Edição 4 - 17/10/25

A ERA DAS USINAS DE DADOS

A popularização da inteligência artificial abre caminho para uma nova geração de data centers, e o Brasil se posiciona como um dos países mais promissores para receber bilhões em investimentos nessas estruturas

ISTO É
sustentável

ines249

COP 30

UMA VITRINE INTERNACIONAL

Acompanhe a cobertura
do evento histórico em
sustentavel.istoe.com.br



Carta ao leitor

Um negócio de titãs

Em meio aos avanços exponenciais do universo tecnológico, uma face pouco conhecida do setor se expande em escala igualmente titânica. Trata-se das instalações de infraestrutura que estão por trás do processamento de dados e informações que fazem girar as engrenagens dos streamings, aplicativos de celulares, sites de comércio e uma infinidade de recursos e aplicações, os chamados data centers. É um território vastíssimo ocupado por enormes galpões recheados de computadores de grande porte e alto desempenho que ganha dimensões ainda mais gigantescas com o advento da inteligência artificial.



FOTOS DIVULGAÇÃO

Interior de um data center: Brasil é o 12º país com mais instalações no mundo

O Brasil é hoje um dos países com maior quantidade de data centers do mundo — é o 12º colocado no ranking global —, com 195 unidades espalhadas por 17 unidades da federação. E, no momento, o país busca se credenciar para receber uma nova geração dessas estru-

turas voltadas para a IA. São colossos dotados de máquinas que consomem um quantidade descomunal de energia e ar refrigerado e exigem investimentos que variam entre US\$ 10 bilhões e US\$ 20 bilhões. São as usinas de dados que farão o mundo girar.

Índice

CAPA: MONTAGEM COM FOTOS DE IANBATTAGLIA/UNSPLASH E DIVULGAÇÃO

- 4 ENTREVISTA
- 7 ECONOMIA
- 9 INTERNACIONAL
- 13 NÚMEROS DA SEMANA
- 14 FINANÇAS
- 18 EMPRESAS
- 24 ESG
- 26 RURAL
- 28 TECNOLOGIA
- 33 AUTO
- 35 ESTILO DE VIDA
- 38 O MELHOR DAS REDES
- 39 PALAVRA POR PALAVRA
- 40 ARTIGO



LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

Haddad: ajuste em "buraco" do Orçamento



Italiana Technogym avança no Brasil



Paulistanos podem esqui na Faria Lima

Expediente

ISTOÉ
publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.
CEO E DIRETOR EDITORIAL:
Daniel Hessel Teich

Dinheiro

EDITORA: Érica Polo
DIRETOR DE ARTE: Alexandre Akermann
DESIGNER: Mayara Novais
DIRETOR DE MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA: Edgardo A. Zabala
www.istoe.com.br
Instagram: @revistaistoe
YouTube: m.youtube.com/@revistaISTOE
X: @revistaISTOE
TikTok: @revistaistoe
LinkedIn: https://www.linkedin.com/company/istoe/

Redação e correspondência:
Rua Iguatemi, 192, 19º andar, Itaim Bibi,
São Paulo, SP, CEP 01451-010
ISTOÉ – A SEMANA é uma publicação semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA., empresa detentora das marcas ISTOÉ e coligadas, tanto em plataformas digitais como meios impressos. A empresa não tem qualquer vinculação editorial e societária com a EDITORA TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA. (em liquidação judicial)

“A COP não está conseguindo evoluir na velocidade que deveria”

Aurélio Pavinato, CEO da SLC Agrícola, acredita que a sustentabilidade no setor agrícola é parte de um processo de aprendizagem mas há dificuldades em se montar uma estratégia de consenso em grandes eventos como o de Belém

“O mundo precisa tratar da questão climática, porém, como sociedade internacional, falta organização”



LEONARDO MONTEIRO

Em meia década, a SLC Agrícola, com sede no Rio Grande do Sul, investiu em produtividade e dobrou de tamanho, esbarrando numa receita de R\$ 7 bilhões no ano passado. A intensificação dos desafios geopolíticos em anos recentes, os quais acabam por afetar cadeias e relações comerciais, não impediram o avanço da companhia, mesmo diante do desafio do câmbio instável. “Exportamos praticamente 90% do que produzimos. Para o setor, o real mais forte não é favorável e, em nossa visão, o mercado

vai continuar oscilando”, disse Aurélio Pavinato CEO da SLC Agrícola, à IstoÉ Dinheiro. Ainda assim, a produtividade recorde e os custos um pouco mais favoráveis contribuem para um 2025 em bom ritmo – com um horizonte de crescimento para o ano seguinte. Pavinato fala, ainda, sobre a lentidão de resultados das conferências do clima (COP), cuja próxima edição vai acontecer em novembro no Pará, e elenca ações da empresa no campo da sustentabilidade.

Eduardo Vargas

A Conferência da ONU para o Clima virou palco das grandes decisões climáticas, mas também de frustrações. Quais são, na sua visão, os desafios centrais da COP e como isso afeta quem produz no Brasil?

O tema da sustentabilidade é um tema necessário e precisa ser tratado com a sua profundidade que merece. Obviamente que ao longo deste processo evolutivo existem exageros. Então, há três, quatro anos atrás, todo mundo achou que o tema sustentabilidade ia ser a so-

lução para tudo. Tanto que agora estão ocorrendo muitos retrocessos em relação às ações. Nesse sentido, nós temos uma Europa que é líder mundial em ditar tendências. Assim como ela dita a tendência da moda, ela dita a tendência do consumo. Mas às vezes há algumas ações desconectadas com o racional, como a discriminação da importação de soja do Brasil. Hoje, o Brasil não precisa mais desmatar para produzir e ampliar produção de soja. A gente pode expandir a nossa produção em áreas de pastagem. O quão sustentável é a produção europeia versus a produção brasileira? Então, tudo isso é um longo processo de aprendizagem. Às vezes, em alguns momentos, tem um viés político que predomina sobre a ciência. No fundo, o que vai predominar vai ser a ciência. O fato é que o mundo precisa tratar questão climática e de descarbonização. Mas como? Como sociedade internacional, infelizmente, falta organização. Os Estados Unidos já não participam e não valorizam essas ações, e isso começa a perder força. A Ásia é um mundo que se desenvolve, mas existe ainda muita gente que demanda alimentos primeiro antes de pensar em qualidade. E depois da qualidade é que vem a preocupação com a sustentabilidade daquela produção. A COP tenta juntar todos os países e definir um projeto estratégico de consenso, mas ela não está conseguindo evoluir na velocidade que deveria.

Diante desse cenário, o que vocês estão fazendo “da porteira para dentro” para responder a essas exigências ambientais?

Nós temos muitas ações para fortalecer a nossa sustentabilidade do sistema de produção. No que diz respeito à parte ambiental, por exemplo, decidimos, a partir de agosto de 2021, não expandir nossa operação em áreas desmatadas. Então, decidimos expandir em áreas maduras [onde já existe uma infraestrutura produtiva consolidada] ou de pastagem. Implementamos, ainda, a chamada economia circular. Então hoje nós já temos onze fazendas em que reciclamos 100% dos resíduos sólidos. O esgoto da fazenda é tratado e o resíduo orgânico vai para a compostagem, que geram fertilizantes. São pilares ambientais. Além disso, nós colocamos como



meta ser carbono neutro em 2030, nos escopos um e dois. Há outras iniciativas, como apostar no uso de biológicos substituindo defensivos químicos por biológicos. É um sistema agronomicamente sustentável.

Rastreabilidade e certificações são movimentos cada vez mais demandados. O que vocês já implementaram?

Hoje nós somos uma empresa com várias certificações relacionadas a certificações ambientais. Temos 18 fazendas já certificadas em quatro normas com diretrizes dessas, como a de certificação de saúde e segurança ocupacional, de responsabilidade social e de controle de qualidade dos processos industriais, para citar algumas. Nós temos soja e milho certificados pela RTRS e outros. Cito ainda o ‘Sou Algodão’, o programa da Abrapa [Associação Brasileira dos

Produtores de Algodão], que permite ao consumidor lá nas lojas da Renner, nas da Reserva e outras comprar uma camiseta de algodão e saber exatamente aonde aquele algodão foi produzido.

Sobre o negócio: qual é o tamanho da SLC e quais são os planos para crescer?

A SLC tem 830 mil hectares em 26 fazendas, com sede em Porto Alegre (RS). Nosso crescimento é resultado de uma gestão muito bem-feita do processo produtivo. O sucesso do nosso negócio se baseia em dois pilares: alta produtividade e baixo custo de produção. Ao longo dos anos, trouxemos a gestão industrial para o campo, o que nos permitiu otimizar os processos e alcançar resultados consistentes. A abertura de capital em 2007 nos deu acesso a ferramentas de gestão modernas, o que ajudou a fortalecer nossa eficiência.

E como a companhia evoluiu em gestão e produtividade até chegar aqui?

Desde a década de 1990, a gente implantou o 5S, um programa japonês de qualidade, que nos ajudou a ter uma organização e limpeza que são referências no setor. Ele nos deu um direcionamento para ter um processo de produção muito bem organizado. Depois da abertura de capital, trouxemos ferramentas de gestão ainda mais modernas para a estrutura. Hoje, no mundo moderno, e com a conectividade que nós temos no campo, isso está sendo facilitado. A gente consegue controlar as operações online a partir de máquinas conectadas e isso está garantindo essa contínua evolução de eficiência, aumentando a produtividade todos os anos.

Quais resultados e perspectivas vocês enxergam para 2025?

Tivemos uma safra de soja muito boa, de acordo com a nossa expectativa, de 66 sacas por hectare. Foi um volume diferente do que em 2024, quando houve quebra no Mato Grosso. Então este ano volta a ser um ano normal de safra. Os preços em dólar caíram mais neste ano do que no ano passado, mas o câmbio depreciou e houve um ajuste de custos para baixo também. Então, do ponto de vista dessas variáveis de custos e preços não houve grandes oscilações. A grande oscilação positiva para 2025 é a produtividade da soja especificamente.

Como está a política de dividendos da companhia e a relação com o mercado?

Temos sido um bom pagador de dividendos. Desde 2017, o nosso payout [distribuição de dividendos] é de 50% do lucro líquido. Ou seja, a metade do lucro a gente distribui para os investidores nos últimos anos. E a empresa vem crescendo. De 2020 para cá dobramos de tamanho. Naquele ano faturamos R\$ 3 bilhões e no ano passado a receita ficou perto de R\$ 7 bilhões. No ano passado, a companhia ampliou a área plantada em 11% e há um crescimento de 13% encomendado para o próximo ciclo. Então, o faturamento de 2026 deve ser maior que o de 2025. A expectativa é que a gente consiga manter um nível de margens adequadas ao longo dos próximos anos.



E a visão sobre câmbio e juros, variáveis críticas para o agro?

A gente exporta praticamente 90% de tudo o que nós produzimos. Nos últimos dois, três anos, o câmbio tem oscilado bastante. E na verdade é uma interrogação para onde irá o câmbio. Em nossa visão, o mercado vai continuar oscilando. Para o setor, o real mais forte não é favorável porque o valor, em moeda brasileira, recebido por unidade de produto exportado, diminui. A valorização do real em relação ao dólar nos últimos tempos está além do normal. Sobre os juros altos, é uma situação desfavorável para todos os setores da economia, e também para o agro. A gente acredita no ajuste da taxa de juros a partir do próximo ano.

E a agenda de logística para dar vazão ao crescimento projetado?

O Brasil exporta pouco mais de 150 milhões de toneladas, e nos próximos anos grande parte do aumento da produção vai para exportação. Como vamos exportar 300 milhões de toneladas de grãos nos próximos anos? Em dez anos, serão 500 milhões de toneladas. Um investimento que colocaria o Brasil num patamar internacional seria em ferrovias. Com isso, levaria a produção lá do interior até os portos com mais competitividade. Hoje a gente tem um custo de produção, dentro das fazendas, menor do que qualquer competidor internacional. Mas quando a gente olha o custo do transporte da fazenda até o porto, o nosso é o maior custo do mundo. **D**



Pierre Gourinchas, do FMI: impacto do 'tarifaço' americano é modesto para o mundo até agora

Ritmo lento, porém contínuo

Brasil põe o pé no freio, mas ainda pode alcançar o quinto maior crescimento econômico do G-20 em 2025, atrás de Índia, China, Arábia Saudita e Turquia

A pesar da desaceleração da atividade econômica em curso no Brasil, devido à política monetária do Banco Central (BC) para conter a inflação, o país deve ocupar a quinta posição na lista dos países com maior crescimento econômico em 2025. A projeção é do Fundo Monetário Internacional (FMI), em seu relatório World Economic Outlook, divulgado nesta terça-feira, 14. Para o FMI, o Produto Interno Bruto (PIB) do país deve crescer 2,4% em 2025 – acima da projeção feita pela própria organização no primeiro semestre e que apontava 2%. A estimativa é, contudo, menor que o resultado do país no ano passado, quando o PIB cresceu 3,3%. Para 2026, contudo, a projeção caiu 0,2 ponto percentual, para um crescimento

da economia estimado pela organização internacional em 1,9%. A questão fiscal, ainda mais nebulosa depois de caducar a Medida Provisória 1303/2025 (que ajudaria nas contas do governo federal), e o tarifaço dos Estados Unidos impactam.

Se as projeções do FMI forem confirmadas, a economia brasileira será a quinta de maior crescimento entre os países do G20 (fórum de cooperação internacional formado pelas maiores economias do mundo), à frente de Estados Unidos, Japão, México, Reino Unido e do bloco europeu. A lista dos cinco primeiros melhores desempenhos do ano é formada por Índia, com projeção de alta de 6,6% neste ano, seguida por China (4,8%), Arábia Saudita (4%), Turquia (3,5%) e Brasil (2,4%). Os Estados Unidos

vêm logo em seguida, com crescimento projetado em 2%. O PIB global deve crescer 3,2%, 0,2 ponto acima do número divulgado em julho. O diretor do departamento de pesquisas do FMI, o economista Pierre-Olivier Gourinchas, disse que o impacto das tarifas impostas pelos Estados Unidos é modesto até agora.

“Algumas economias mais desenvolvidas tendem a desacelerar mesmo neste ano”, avaliou Rodolpho Sartori, economista da Austing Rating. E, no caso brasileiro, foi um pouco mais acelerado no começo do ano, mas há a expectativa de redução do ritmo para o segundo semestre. “A pergunta é: quão forte será a desaceleração deste semestre, pensando em uma taxa de juros que deve se manter nos 15%”,



Haddad tenta ajustar o "buraco" no Orçamento do governo, um dos motores da economia

continua o economista, sobre o Brasil. Além disso, há a indefinição relacionada ao quadro fiscal do país – especialmente após caducar a Medida Provisória (MP) 1303/2025 na primeira semana de outubro, a qual previa taxar as aplicações financeiras, o que ajudaria na arrecadação do governo federal. Agora, o governo precisará encontrar uma solução compensatória. Com isso, Sartori diz os 2,4% projetados pelo FMI estão acima da projeção atual de 1,8% da Austing (esse dado, contudo, deve sofrer revisão para cima em breve, diz o economista). O dado da organização internacional supera a projeção do ministério da Fazenda brasileiro, que estima alta de 2,3% no PIB em 2025. O mais recente boletim Focus, divulgado semanalmente pelo Banco Central do Brasil (BC), o qual reúne as expectativas dos agentes atuantes no mercado brasileiro, aponta para crescimento de 2,16% da atividade econômica.

Os olhos agora estão voltados para o orçamento do governo federal, um dos principais motores da economia do

país. Após a queda da MP 1303/2025, há um impasse sobre o potencial de arrecadação no próximo ano. Além disso, o calendário de pagamentos de emendas parlamentares, às vésperas de ano eleitoral, é mais um fator que ajuda a travar as regras que definirão o Orçamento de 2026 no Congresso Nacional. O sinal verde para o projeto da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) está com um atraso há três meses. A votação estava marcada para esta terça-feira, 14, na Comissão Mista de Orçamento (CMO) do Congresso, mas foi adiada a pedido do governo federal. Sem a MP, o governo afirma que o Orçamento ficou com um "buraco" e precisará ser reajustado. Um cálculo do ministério da Fazenda indica que a medida provisória traria um impacto fiscal de R\$ 14,8 bilhões em 2025 e de R\$ 36,2 bilhões em 2026, se consideradas as receitas previstas e os cortes de despesas.

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, disse nesta semana não ver problema no adiamento da votação da LDO pelo Congresso e pediu que o Le-

gislativo aprovei leis consistentes com a peça orçamentária. "É melhor gastar uma semana a mais [na LDO] e fechar um texto que faça sentido para todo mundo, do que você ter inconsistência entre LDO, Orçamento e as leis que têm controle de gasto tributário e gasto primário", falou o ministro a jornalistas. "Qualquer que seja a decisão do Congresso, ela tem que ser consistente. Não pode uma lei apontar em uma direção e outra lei apontar em outra porque se não, não vamos fazer os números se encontrarem", disse, ainda.

Até a quarta, 15, data de fechamento deste texto, aguardava-se o resultado da conversa entre Haddad e o presidente Luis Inácio Lula da Silva para debater o tema referente às soluções relacionadas ao Orçamento, ainda não marcada, já que Lula retornaria de viagem à Itália. O ministro defendeu em conversa com Davi Alcolumbre (União-AP), presidente do Senado, que a MP 1303 seja retomada pelo Congresso. Com reportagem de Ana Carolina Nunes. **D**

Com reportagem de Ana Carolina Nunes



Internacional

"för att ha förklarar innovationsdriven ekonomisk tillväxt"
"for having explained innovation-driven economic growth"



Joel Mokyr
Northwestern University,
USA



Philippe Aghion
Collège de France and INSEAD, France,
The London School of Economics and
Political Science, UK



Peter Howitt
Brown University,
USA

"för att ha identifierat förutsättningarna för ihållande tillväxt
genom teknologisk utveckling"
"for having identified the prerequisites for sustained growth
through technological progress"

"för teorin om ihållande tillväxt genom kreativ förstörelse"
"for the theory of sustained growth through creative destruction"



ANDERS WIKLUND/AP

Comitê do prêmio anuncia os vencedores: pesquisas para conter a estagnação

O poder da criatividade

Nobel de Economia vai para trio de acadêmicos com pesquisas que explicam como a inovação impulsiona o crescimento econômico

Último a ser anunciado neste ano, o prêmio Nobel de Economia foi para as mãos dos economistas Joel Mokyr, Philippe Aghion e Peter Howitt na segunda-feira, 13. A premiação destacou o trabalho dos pesquisadores relacionado aos mecanismos que sustentam o progresso econômico a longo prazo – eles explicaram como a inovação impulsiona o crescimento econômico. O comitê do Nobel informou que o holandês Joel Mokyr, professor da norte-americana Northwestern University, foi reconhecido por identificar os pré-requisitos para o crescimento sustentado por meio do progresso tecnológico. Ele demonstrou que, para que as inovações se sucedam de forma autogerada, não basta saber que algo funciona, é preciso ter explicações científicas para o motivo. Trocando em miúdos, is-

so quer dizer que, para novas ideias (e tecnologias) surjam constantemente, é preciso entender o porquê de algo dar certo. A compreensão científica permite que as descobertas sejam replicadas, aprimoradas e aplicadas em outros contextos, o que gera um ciclo de progresso autossustentável. Já o francês Philippe Aghion, professor no Collège de France e da London School of Economics, e o canadense Peter Howitt, professor da norte-americana Brown University, desenvolveram a "teoria do crescimento sustentado por meio da destruição criativa". Em um artigo de 1992, eles criaram um modelo matemático para descrever o fenômeno no qual, quando um produto novo e melhor entra no mercado, as empresas que vendem os produtos mais antigos saem perdendo. "O trabalho dos laureados mostra que

o crescimento econômico não pode ser dado como certo", disse John Hassler, presidente do Comitê do Prêmio em Ciências Econômicas. "Mas devemos manter os mecanismos que sustentam a destruição criativa, para não cairmos novamente na estagnação", continua.

O prêmio de economia, formalmente conhecido como Prêmio do Banco da Suécia em Ciências Econômicas em Memória de Alfred Nobel, foi criado em 1968 e surgiu como uma homenagem a Nobel, empresário e químico sueco do século 19, que inventou a dinamite e criou os cinco prêmios originais. A escolha dos contemplados também é feita pela Academia Sueca de Ciências, seguindo os mesmos princípios estabelecidos para as categorias originais: química, física, medicina, literatura e paz. Desde a sua criação, a premiação foi concedida 56 vezes a um total de 96 laureados. Apenas três dos vencedores foram mulheres. Além da medalha e do diploma, cada laureado leva para casa a quantia de 11 milhões de coroas suecas (cerca de R\$ 6,2 milhões). A cerimônia de entrega dos prêmios está marcada para 10 de dezembro, aniversário da morte de Alfred Nobel (1833-1896).

O comitê do Nobel, em Oslo, na Noruega, anunciou os vencedores das categorias entre 6 e 13 de outubro. Medicina foi ganho pelos cientistas Mary Brunkow, Fred Ramsdell, ambos norte-americanos, e o japonês Shimon Saka-guchi, pela pesquisa que descobriu como o sistema imunológico evita atacar o próprio corpo. Já o Nobel de Física foi ganho por John Clarke, Michel Devoret e John Martinis pela descoberta que abriu caminho para tecnologias que formam a base da computação quântica, dos sensores de precisão e da criptografia avançada. Susumu Kitagawa, Richard Robson e Omar Yaghi ganharam o prêmio em química pelo desenvolvimento de estruturas metal-orgânicas capazes de capturar, armazenar e separar moléculas em nível atômico.

Já o romancista húngaro László Krasznahorkai venceu o Nobel de Literatura, por obras que abraçam temas distópicos, como 'Sátántangó' e 'Melancolia da resistência, e o da Nobel Paz é de María Corina Machado, líder opositora do governo de Nicolás Maduro, na Venezuela. **D**

Embate tarifário

Confronto entre Donald Trump e Xi Jinping escala em torno de terras raras, insumos para produção de baterias e computadores e o controle do TikTok no território americano



Unidos em uma investigação que resultou na aplicação, em abril, de tarifas para todos os navios construídos e operados pela China. Isso teria deteriorado “gravemente os direitos e interesses legítimos das empresas chinesas”, disse comunicado do governo chinês. Na ponta inicial do vai-e-vem de retaliações está um conjunto de minerais capaz de controlar a economia global, as chamadas terras raras. Os metais são base de fabricação de baterias, computadores e novas tecnologias de energia. Quando a China anunciou que fará o controle de suas exportações em larga escala, incluiu esse produto na lista – o que enfureceu Trump.

Em meio às medidas recentes, o presidente americano anunciou, ainda, que os Estados Unidos vão impor controles de exportação a “todo software crítico”, também a partir de 1º de novembro. O Ministério do Comércio da China informou em comunicado que os controles sobre as terras raras “constituem ações legítimas do governo chinês para melhorar o seu sistema de controle de exportações”. “Como grande potência responsável, a China tem protegido de forma constante e decidida sua própria segurança nacional e a segurança coletiva internacional”, acrescentou o governo chinês, e que a forma de lidar com suas próprias medidas, pelos Estados Unidos, não seria “adequada”. O mais recente movimento da China, de controle às exportações do país, ocorre pouco depois que Trump deu mais um passo, ao final de setembro, rumo à tentativa de forçar o controle sobre a subsidiária americana do TikTok, da chinesa ByteDance. Desde o governo de Joe Biden, os Estados Unidos buscam reduzir a presença dos controladores chineses na própria rede social naquele mercado, por receio de acesso a dados de usuários americanos. O governo americano justifica foco em segurança nacional. Apesar do panorama comercial sombrio na relação com os Estados Unidos, a China segue resiliente. As exportações chinesas subiram 8,3% em setembro, na comparação com o mesmo mês do ano passado, o ritmo mais expressivo desde março. Para os Estados Unidos, as vendas do país cresceram 8,6%, para US\$ 34,3 bilhões (R\$ 190 bilhões). Os produtos chineses enfrentam atualmente uma tarifa de pelo menos 30%. **D**

MONTAGEM COM FOTO DE KEVIN LAMARQUE / REUTERS

Mais um capítulo da queda de braço entre China e Estados Unidos se desdobrou ao longo desta semana, depois do presidente norte-americano Donald Trump anunciar tarifas adicionais de 100% a produtos chineses na sexta-feira, 10. Em resposta a isso, o governo chinês anunciou na terça-feira, 14, que passará a cobrar tarifas especiais aos navios americanos que portam no país e aplicou sanções a um estaleiro. O comunicado do governo de Xi Jinping incluiu mensagem de que a China vai “lutar até o fim” em uma guerra comercial com os Estados Unidos. Trump justificou a imposição de cobrança adicional em sua rede social, a Truth Social.

“Acabamos de saber que a China adotou uma posição extraordinária-

mente agressiva sobre o comércio, com o envio de uma carta extremamente hostil ao mundo, declarando que, a partir de 1º de novembro de 2025, imporá controles de exportação em larga escala sobre praticamente todos os produtos que fabrica – e até mesmo alguns que nem sequer fabrica”, escreveu Trump. As declarações do presidente americano colocaram em dúvida uma possível reunião com Xi Jinping, e abalaram os mercados com um novo agravamento da tensão entre as duas principais economias do planeta.

A retaliação do governo chinês incluiu sanções contra cinco subsidiárias americanas do construtor naval sul-coreano Hanwha Ocean, que estaria colaborando com o governo dos Estados

Dinheiro no mundo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional

Estados Unidos

Controladora da Gol e Avianca quer negociar ações em bolsa americana

A Abra, holding controladora das aéreas Gol e Avianca, anunciou nesta quarta-feira, 14, que pretende fazer uma oferta pública inicial de ações (IPO, na sigla em inglês) nos Estados Unidos. A companhia disse em comunicado que pretende enviar à SEC (o órgão fiscalizador dos mercados de capitais norte-americanos) um pedido confidencial prévio para um possível IPO. O anúncio aconteceu dois dias depois de a Gol anunciar proposta de reorganização societária aos acionistas no Brasil, que poderá culminar em fechamento de capital na bolsa brasileira, a B3. Confira a matéria completa nas páginas 22 e 23 desta edição.

Argentina

Mais US\$ 20 bi para o governo Milei

Os Estados Unidos anunciaram nesta quarta-feira, 15, que estão negociando com o setor privado um novo pacote de US\$ 20 bilhões (R\$ 108,9 bilhões, na cotação atual) para a Argentina, o que elevaria a ajuda financeira americana destinada ao governo de Javier Milei para US\$ 40 bilhões. O secretário do Tesouro americano, Scott Bessent, disse a jornalistas em Washington que o governo Trump está trabalhando em uma linha de crédito, junto a bancos privados e fundos soberanos, complementar à de intercâmbio de divisas (ou swap) em andamento entre os dois governos. Esse tipo de operação contribui, na prática, para que a Argentina tenha acesso a dólares e, ao mesmo tempo, sinaliza o apoio americano – fator que restaura a confiança de investidores.

União Europeia

Gucci, Chloé e Loewe são multadas por órgão antitruste

Gucci, Chloé e Loewe foram multadas nesta semana em 157 milhões de euros (cerca de US\$ 183 milhões) pelo órgão de fiscalização antitruste da União Europeia por fixarem os preços de revenda de seus parceiros varejistas. A Gucci ficou com a maior fatia (119,7 milhões de euros). Por meio de comunicado na terça-feira, 14, a Comissão Europeia disse que as três empresas interferiram nas estratégias comerciais de seus varejistas ao impor restrições a eles. A Gucci informou ter cooperado com a investigação e as outras marcas se comprometeram a agir conforme as leis antitruste.

Índia

Google anuncia o maior centro de IA fora dos EUA

O Google vai investir US\$ 15 bilhões na Índia nos próximos cinco anos para criar seu maior centro de Inteligência Artificial (IA) fora dos Estados Unidos, localizado em Visakhapatnam, no sul do país. O CEO do Google Cloud, Thomas Kurian, destacou que o projeto reforça as ambições indianas no setor. Com quase 900 milhões de usuários de internet, a Índia atrai gigantes do segmento: Anthropic, OpenAI e Perplexity já anunciaram planos de expansão no país, que desponta como um dos maiores polos globais para pesquisa e desenvolvimento em IA.

R\$ 20 bi

é a captação necessária para os Correios, disse o presidente da estatal, Emmanoel Rondon.

A operação visa reequilibrar a empresa neste e no próximo ano (2026), para iniciar 2027 “no azul”.

As despesas dos Correios vêm crescendo a um ritmo anual de 6% ao ano, incluindo a inflação, e um dos focos para ajustar as contas inclui a implementação de um novo Programa de Desligamento Voluntário e a venda de imóveis ociosos. Rondon descarta a privatização.



SHIZUO ALVES/MCOM

R\$ 500

é o bônus que iFood e Uber devem pagar a cada quatro semanas a motociclistas que trabalhem em ambas as plataformas — e cumpram uma série de desafios em Belo Horizonte, Piracicaba e Sorocaba. As companhias já anunciaram integração de atendimento para os consumidores antes do final deste ano, que tornará possível pedir comida via Uber e corridas pelo iFood.

R\$ 535 mi

é o valor que a J&F, dos irmãos Bastista (os mesmos donos da gigante de proteínas JBS), deverá investir para adquirir a parte que a Eletrobras detém na Eletronuclear. O acordo foi anunciado na quarta-feira, 15.

A Âmbar Energia, da J&F, passará a deter participação de 68% do capital total e 35,3% do capital votante da Eletronuclear — que segue sob controle do governo federal.

80%

é quanto valorizou a prata no acumulado de 2025. O contrato mais negociado em Nova York chegou a US\$ 48,70 por onça (cerca de 31 gramas). O ouro ganhou mais de 56% no mesmo período, cotado a US\$ 4,1 mil por onça pela primeira vez. Ambos alcançaram patamares recordes impulsionados pela instabilidade geopolítica global, com o aumento das tensões entre Estados Unidos e China. Investidores partem para ativos mais seguros.

US\$ 41 bi

é quanto poderá mover o mercado de inteligência artificial conversacional até 2030, projeta a consultoria Grand View Research. Esse tipo de ferramenta já está afetando os trabalhadores de calls centers na Índia, país conhecido por ser o “back office do mundo” devido à mão de obra barata e proficiência em inglês, indica uma pesquisa feita pela Reuters.



DRAGOS CONDREA/FREEPICK

De olho na classe média

Setor imobiliário se beneficia com mudanças no Sistema Financeiro de Habitação, as quais incluem o teto mais alto para financiamentos e aumento de concorrência entre os bancos

Matheus Almeida

As mudanças anunciadas há poucos dias pelo governo federal no Sistema Financeiro da Habitação (SFH) vão impactar o mercado imobiliário – embora ainda seja cedo para traçar estimativas assertivas. É que o novo sistema reduz os custos para quem adquire imóveis, com expectativa, entre agentes imobiliários e econômicos, de animar a classe média a partir para a compra. A principal mudança envolveu a elevação do valor máximo do imóvel financiado, que passou de R\$ 1,5 milhão para R\$ 2,25 milhões. Especialistas consultados pela IstoÉ Dinheiro dizem que o novo desenho favorece o

acesso a crédito, já que amplia a concorrência entre as instituições financeiras. “Isso, por fim, pode gerar taxas menores”, afirma Henrique Soares, planejador financeiro da Planejar.

O SFH limita os juros a um máximo de 12% ao ano e, por fim, oferecerá taxas mais competitivas em comparação ao Sistema de Financiamento Imobiliário (SFI), que não tem teto de juros. Os dois sistemas são os principais modelos de crédito imobiliário no Brasil, e operam com regras diferentes – além do limite de juros cobrados nos financiamentos, a origem dos recursos e o teto de valor

dos imóveis que podem ser financiados são as outras distinções entre eles. “Antes das mudanças [no SFH], parte desse mercado ficava nas mãos do SFI, com definições feitas pelos próprios bancos e instituições financeiras, que têm autonomia nas negociações, geralmente resultando num custo maior”, explica o empresário Douglas Vecchio, CEO da Onda, uma plataforma que conecta locadores e locatários.

Os recursos para o SFH vêm da caderneta de poupança, enquanto o SFI é abastecido por fontes de títulos privados, como as Letras de Crédito Imobiliário (LCI). No universo de negociações sem regulação, a taxa média de juros de financiamento imobiliário varia significativamente – e pode superar 20%. Em agosto deste ano, por exemplo, a faixa oscilou entre 10,78% e 22,79%, informados do Banco Central do Brasil (BC). Já as taxas no mercado regulado rondam 10,90%. O SFH é, entre os dois sistemas,



Os juros cobrados no novo modelo terão teto de 12% ao ano

*O teto dos financiamentos
passou de R\$ 1,5 milhão
para R\$ 2,25 milhões*



MARCELLO CASALI/JPAGÊNCIA BRASIL

o modelo que permite aos compradores usarem o saldo do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) para pagar a entrada ou amortizar as prestações do imóvel. Com as mudanças de teto de compra por meio do SFH, mais pessoas poderão utilizar esse benefício.

Outra mudança estrutural do sistema, que resulta para a ponta final de compra, está relacionada ao pacote de alterações na regulamentação dos bancos. Antes do anúncio recente sobre o SFH, os recursos dos financiamentos vinham só do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE). Do total de recursos que os clientes bancários mantinham na caderneta de poupança, a maior fatia, de 65%, deveria ser usada em financiamento imobiliário, enquanto 20% se destinava aos depósitos compulsórios no BC e 15% permaneciam para uso livre. A nova regra libera todo o valor da caderneta de poupança para as operações de uso livre dos bancos. Como contrapartida, eles deverão disponibilizar valor equivalente ao da caderneta para os financiamentos feitos por meio do SFH.

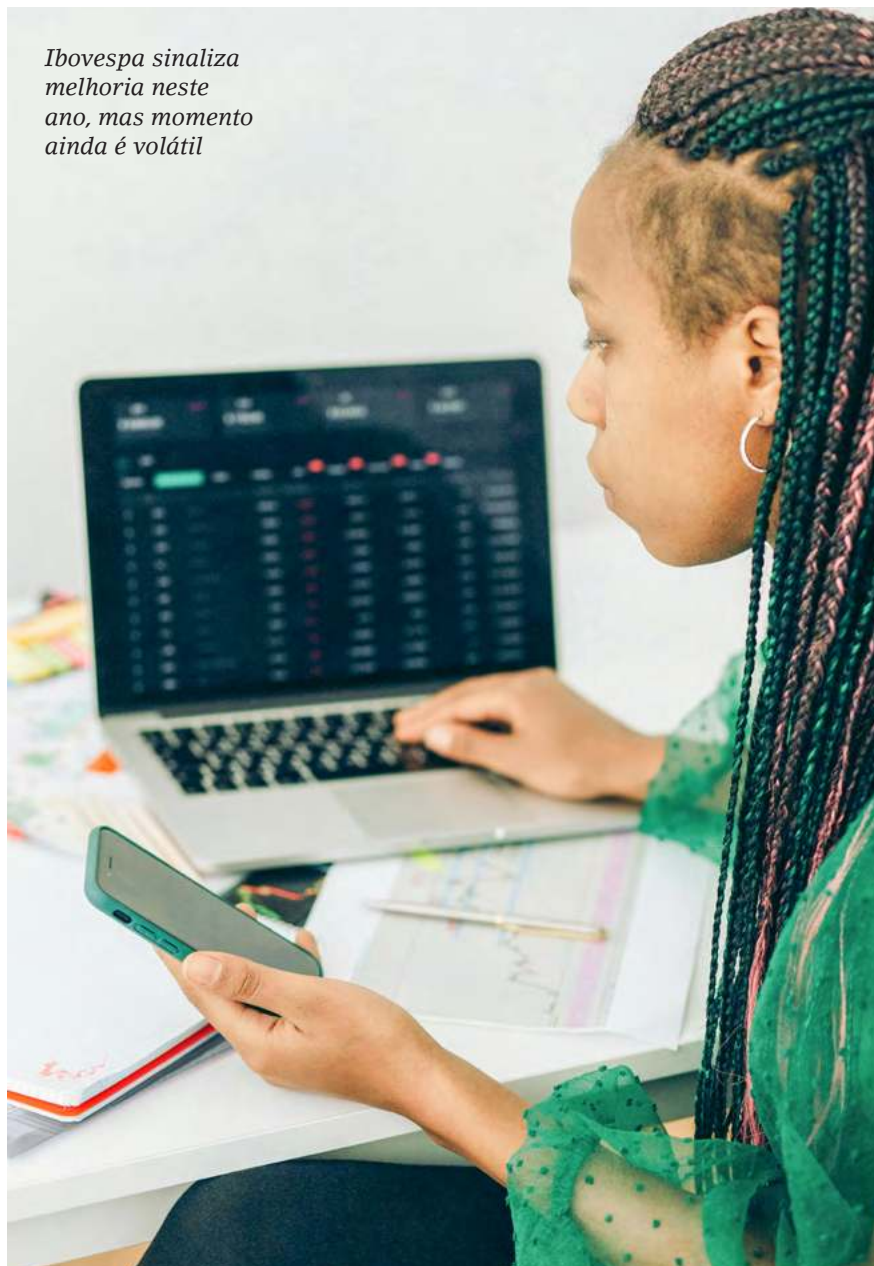
A liberação total da poupança, no entanto, ocorrerá apenas em janeiro de 2027. Até lá, haverá um período de transição, com uma mudança progressiva nas porcentagens, a começar pela redução dos compulsórios. Na visão de Soares, da Planejar, o processo deve ganhar celeridade e tornar-se mais vantajoso em médio prazo, já que os bancos ganharam liberdade. Neste novo sistema, os bancos deverão buscar formas alternativas para disponibilizar os valores de empréstimos. Deverão ser utilizados sobretudo recursos obtidos com títulos privados como as Letras de Crédito Imobiliário (LCI). Além disso, vai aumentar o número de agentes.

“Instituições que não captam poupança também poderão oferecer crédito imobiliário em condições parecidas com as dos grandes bancos, usando os chamados Depósitos Interfinanceiros Imobiliários (DIIs). Isso deve aumentar a competição e gerar melhores condições para o consumidor”, continua Soares. Na prática, isso significa que mais famílias poderão planejar a compra da casa pró-

pria com entrada menor e parcelas mais acessíveis. “Isso torna o financiamento viável para quem antes enfrentava barreiras de renda ou altos custos iniciais”, comenta a planejadora financeira, também da Planejar, Rafaela de Sá.

As mudanças já produziram impacto. A Caixa Econômica Federal anunciou o retorno do modelo que permite financiar até 80% do valor total do imóvel. Desde o final de 2024, o limite era de 70%. O banco deu início a essa operação em 13 de outubro. A decisão sobre já financiar um imóvel ou esperar a mudança das regras deve levar em conta especificidades de cada comprador. Caso a pessoa tenha o valor da entrada, achou um imóvel legal e tem segurança sobre a decisão, pode valer a pena seguir adiante na compra agora. Segundo os especialistas, as condições estão, já atualmente, melhores do que nos últimos meses. A partir de 2027, contudo, a tendência é que haja mais concorrência entre os bancos, o que pode trazer taxas menores e mais opções de crédito. **D**

Ibovespa sinaliza melhoria neste ano, mas momento ainda é volátil



NATALIYA VAITKEVICH/PEXELS

Como lidar com a bolsa

Investidor interessado em diversificar e partir para a bolsa de valores, mesmo que tenha assessoria, precisa saber calcular a rentabilidade

O momento no Brasil é de investir na renda fixa. Contudo, há quem prefira diversificar e alocar parte do recurso na bolsa de valores brasileira. Esse não foi o mais apetitoso dos investimentos no país em anos recentes. Mas o Ibovespa, principal indicador da bolsa, vem dando sinais de melhoria em 2025, já que começou o ano perto de 120 mil pontos e está próximo a 140 mil pontos em meados de outubro – vale dizer que o cenário é volátil, ou seja, pode mudar com intensidade. A dica para investidores iniciantes é conhecer o cálculo da rentabilidade de ações, mesmo que busquem consultoria. Embora pareça, não é uma tarefa complexa. O conceito de rentabilidade é simples: trata-se do percentual do valor que retorna para a pessoa sobre a quantia que ela investiu, como na compra de ações, define o professor de finanças da PUC-SP, Marcelo Lema.

É a partir desse conceito que se pode comparar o desempenho de diferentes ativos, como ações, poupança ou Certificado de Depósito Bancário (CDB). Em termos simples, a rentabilidade é a diferença entre o valor do investimento no início e no final de um determinado período. As informações são do Bora Investir, da B3. No caso das ações, há dois tipos de ganhos: a valorização do papel em si e o pagamento de dividendos. O ganho pela valorização ocorre quando o preço de mercado da ação sobe. Por exemplo, se uma ação comprada por R\$ 100 for vendida por R\$ 150 (o preço de mercado), a rentabilidade é de 50%. Já os dividendos são a parte do lucro que a empresa distribui aos acionistas. Em alguns casos, essa é a única fonte de renda que o investidor pode obter. Se a mesma ação de R\$ 100 gerar R\$ 20 em dividendos, a rentabilidade por esse tipo de ganho é de 20%.

É crucial, explica o especialista, diferenciar rentabilidade de lucratividade. A rentabilidade é o ganho total em percentual, enquanto a lucratividade se refere ao valor final em dinheiro, já com o desconto de custos como taxas de corretagem, emolumentos e impostos. Se a rentabilidade total de um investimento for de R\$ 70, e as taxas e impostos somarem R\$ 10, a lucratividade será de R\$ 60. Saber calcular a rentabilidade é uma habilidade que empodera quem investe. A análise de indicadores ajuda a



Rentabilidade, dividend yield e preço/lucro são os indicadores-chave

tomar decisões mais inteligentes, como, por exemplo, decidir se é o momento de permanecer com uma ação ou se é a hora de assumir uma perda e buscar uma nova oportunidade. A comparação com outros ativos do mercado é importante. Se a sua ação não estiver dando o retorno esperado, você pode avaliar se vale a pena esperar por uma possível recuperação ou se é melhor cortar as perdas e investir em outro papel com maior potencial de crescimento.

Para ajudar o investidor iniciante, Marcelo Lema recomenda focar em três indicadores-chave: a rentabilidade sobre os ganhos, o dividend yield e o P/L (Preço/Lucro). A rentabilidade sobre os ganhos é a forma mais direta de medir esse indicador. Para calcular, basta considerar a variação do preço da ação, ou seja, sua valorização ou desvalorização no período. No entanto, é preciso saber que existe a rentabilidade nominal e a

real. A nominal é o valor bruto do investimento, sem o desconto da inflação. Já a rentabilidade real é o valor líquido do investimento, já com o desconto da inflação do período. Por exemplo, se uma aplicação de R\$ 4 mil em ações há três anos valorizou para R\$ 5 mil, a rentabilidade nominal foi de 25%. Mas se a inflação acumulada no período foi de 8%, a rentabilidade real seria de 17%.

Já o chamado dividend yield (ou seja, rendimento de dividendos) é um indicador que estima o retorno apenas com base nos dividendos de um investimento – uma companhia define a sua política de pagamento de dividendos conforme o lucro líquido, e não há uma relação direta com o preço da ação. Ele é útil para comparar empresas de um mesmo setor, mas não deve ser o único critério de análise. Muitas vezes, uma taxa alta desse indicador pode ser resultado da queda no preço da ação ou de

uma distribuição pontual de dividendos que não se repetirá no futuro. Já o cálculo de preço sobre lucro, relaciona o preço da ação com o lucro por ação da empresa. Ele é um dos indicadores mais utilizados para determinar se uma ação está super ou subvalorizada.

Para investir em ações é importante seguir alguns passos, sugere ainda o especialista. É recomendável que a pessoa faça uma reserva de emergência, uma vez que os recursos para a compra de ações devem trazer retorno somente após alguns anos. Em seguida, o investidor deve compreender seu perfil (conservador, moderado ou arrojado) e definir o objetivo com o investimento. O perfil está ligado à sua tolerância a riscos. Uma dica importante é estudar o desempenho da companhia dona das ações (se melhora receita e lucros), e ter dose de paciência para aguardar o retorno. **D**

Estilo carioca para exportação

Grife criada no Rio nos anos 1980, Farm aposta em modelos e estampas que invocam o Brasil, faz parcerias com marcas como Adidas e conquista consumidores em 40 países

Ana Carolina Nunes

É fácil fazer um estrangeiro gostar de sol, praia e Rio de Janeiro. Mas, há 28 anos, pensar que eles ‘vestiriam’ esses elementos parecia uma missão mais difícil. Hoje, com 144 lojas espalhadas por sete países – Nova York, Paris, Dubai e Londres são alguns destinos –, a Farm Rio, criada em 1997 em uma feira (a Babilônia Hype) na capital carioca, reforça que a criatividade e o colorido é – bastante – vendável. Alguma vez essa estratégia de estilo foi questionada? “A vida inteira”, respondeu à IstoÉ Dinheiro a diretora criativa e cofundadora da marca, Katia Barros.

A estamparia, que Katia vê como a alma da marca, foi o que ajudou a Farm a se consolidar não só no Brasil, como em mercados internacionais. A diretora é investir no processo criativo, o qual, por fim, gera estampas exclusivas. A identidade é a chave. “Por essa razão não há nada parecido no mundo. E é por isso que a marca tem tanto valor”, continua. A executiva define a Farm como um negócio slow fashion – diferente do fast fashion (produção em massa, de descarte rápido) de concorrentes. “Os nossos designers trabalham em um processo criativo muito cuidadoso. É tudo autoral”, diz. Além de não abrir mão do forte apelo visual, a estratégia da companhia integra, ainda, parcerias com outras marcas icônicas, a exemplo de Adidas e Havaianas. Com a marca esportiva du-



ra onze anos e, com as sandálias brasileiras, o primeiro trabalho aconteceu em 2010. “É um orgulho nacional, né?”, resume, sobre Havaianas.

A lista de parceiros soma outras referências, como Starbucks e até canetas Bic. “Tenho um sonho de fazer uma parceria com as canetas Bic, porque todo mundo tem, é muito democrático, é simpático”. Em meio às parcerias e design, é um desafio escalar produção sem perder a essência. Mas Katia diz ser possível. Prova disso, continua, está evidenciada no faturamento, “que vai bem”. Apenas a operação internacional da Farm faturou US\$ 188 milhões em 2024. E as frentes nacional e internacional respondem por uma fatia de 15% a 20% da receita do Grupo Azzas 2154, do qual a marca faz parte desde 2024. O grupo se tornou o maior da área da moda, na América Latina, depois da fusão da Arezzo&Co com o Grupo Soma (onde a Farm estava inserida), e uniu 27 marcas de vestuário. Entre elas, além de Arezzo e Farm, integram Alexandre Birman, Hering, Vans, Maria Filó, Reserva e Animale. O Azzas 2154 é listado na bolsa brasileira, a B3, e alcançou receita próxima de R\$ 12 bilhões em 2024.

“A identidade é muito forte, tem muito valor. Você pode montar a planilha mais perfeita do mundo, a estratégia mais incrível,

Peças desenvolvidas em parceria com a Adidas

DIVULGAÇÃO

Sandálias estampadas com motivos tropicais criadas para a Havaianas



FOTOS DIVULGAÇÃO

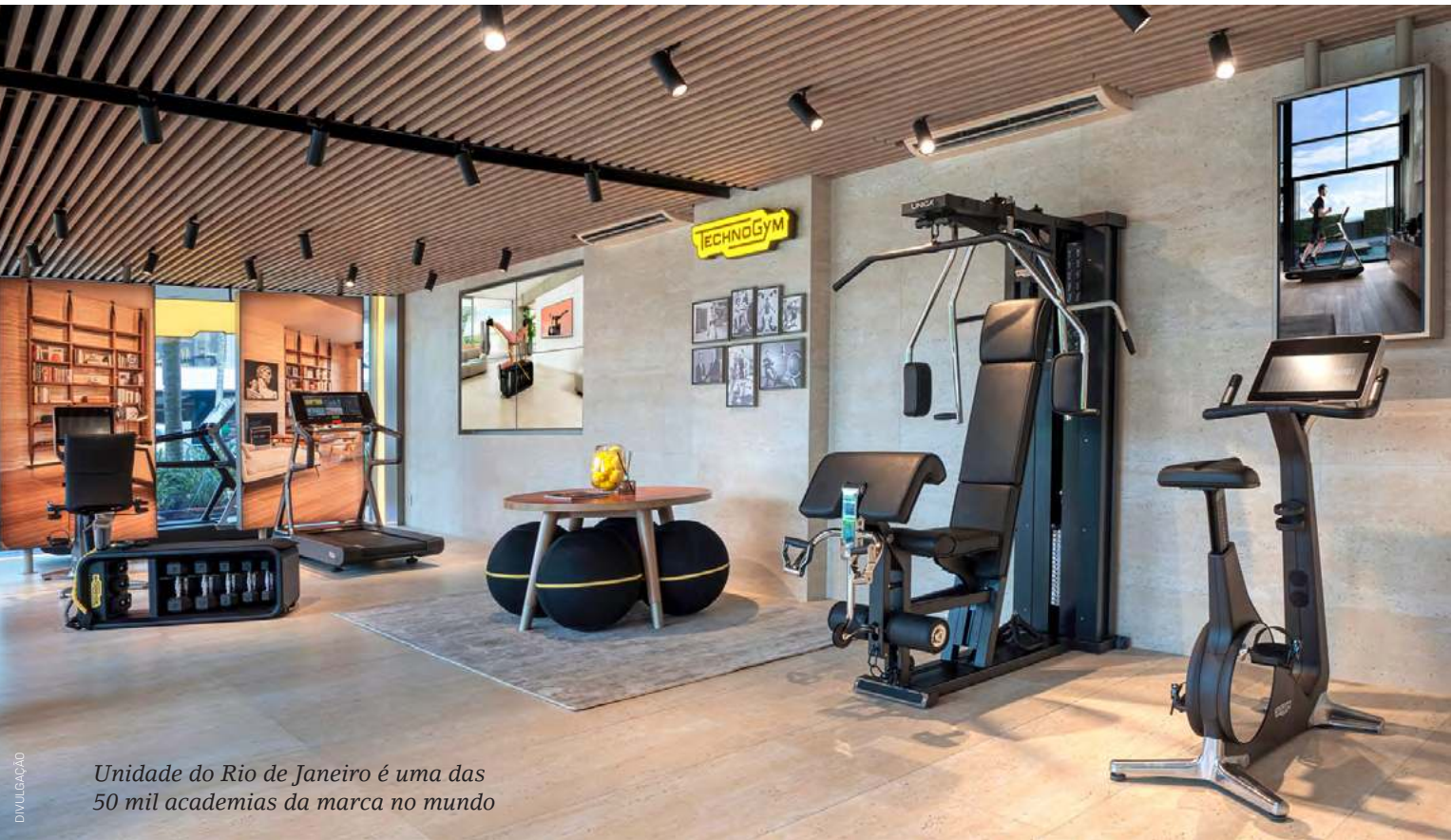
mas de onde vem a magia? Entendemos que é sistêmico, um organismo único, o negócio, a criação, a marca", continua a executiva que uniu sua formação em contabilidade à trajetória na área de criação. "Estou achando engraçado e curioso estar nessas pautas de negócio sendo a diretora criativa. Geralmente são os CEOs, né?", brinca. Fazer parte de um grupo varejista, avalia ela, dá suporte à liberdade criativa do seu catálogo e contribui para os planos de negócios. A marca conseguiu traduzir seu lifestyle carioca para diferentes culturas. Arriscou a vibe Brasil e Rio de Janeiro inclusive em coleções de outono-inverno – e leia-se inverno mesmo, com opção para, até mesmo, macacão para os praticantes de esqui.

Ela conta que há estudos aprofundados e constante adaptação, já que a companhia não quer ser uma "marca de

resort", exótica. O foco é ser uma "marca para o ano inteiro", continua Katia. Incluir as estampas tropicais em peças de esqui demonstram a flexibilidade em adaptar a identidade visual da marca, em descaracterizá-la. Mas o trabalho vai muito além disso, para traduzi-la para o mercado internacional, com as especificidades diferentes, começando pelo clima, temperatura, sazonalidade, e para encarar a concorrência com forte competitividade. Assim, a Farm chegou a 14 lojas no exterior, sendo 11 delas próprias e três franquias, espalhadas por Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália, Emirados Árabes, Grécia e México. A projeção é que entre lojas próprias, franquias, concessões e presença em multimarcas, a Farm chegue a 39 países e 270 mil clientes fora do Brasil.

Já no Brasil são 130 lojas. A marca compete com outras referências conso-

lidades nacionais e internacionais atuantes no mercado brasileiro (e com as novidades no segmento, como a recém-chegada rede sueca H&M). Mas o volume, ou perfil, não "assustam" ou mexem com os planos da executiva. "Não dou a mínima", diz Katia. "Acredito no nosso modelo. Ele dá resultado", continua. O Brasil tem especificidades que exigem muito estudo prévio de quem se arrisca a conquistar os consumidores locais. Citando quem já escorregou no mercado brasileiro – como as varejistas internacionais Forever 21 e Top Shop, que deixaram o país –, ela diz que tem motivos para sentir-se confiante. "Acreditamos em nossa identidade e nos inspiramos em nossa cultura. E que [as outras varejistas] venham. Agora tem a H&M, tomara que fique, porque eu adoro, é uma das que mais gosto", finaliza, bem-humorada. **D**



Unidade do Rio de Janeiro é uma das 50 mil academias da marca no mundo

Malhação à italiana

Operação brasileira da Technogym avança e está entre as cinco mais relevantes para a marca que faturou 460 milhões de euros no primeiro semestre

Eduardo Vargas

O mercado brasileiro de fitness, que abrange desde equipamentos de academia até suplementação, se consolida como o segundo maior do mundo. A afirmação é de Nerio Alessandri, fundador e CEO da Technogym, marca italiana que se tornou uma referência global em equipamentos. Segundo o executivo, o Brasil já figura entre as cinco geografias mais relevantes para o faturamento da companhia, sendo que mais da metade da receita no país é gerada apenas no estado de São Paulo. Em entrevista exclusiva à IstoÉ Dinheiro, Alessandri destacou a importância do mercado brasileiro para a rede.

Ele rememorou a participação da marca nas Olimpíadas do Rio de Janeiro em 2016 e a presença em locais de destaque no país, entre o que definiu como "os melhores centros fitness, corporações, escolas, universidades". "Estamos nas casas mais bonitas, somos premium no setor comercial", afirmou Alessandri. A companhia, que atua em mais de 100 países, conta com 55 milhões de clientes em 50 mil academias e 500 mil residências (entre as soluções, a empresa vende acessos a plataformas com aulas em vídeo). Os Estados Unidos lideram em presença geográfica, seguidos pela Europa e, então, pelo Brasil.

A Technogym reivindica para si a criação do conceito de wellness. O termo, que já existia no dicionário como "bem-estar", foi popularizado pela empresa nos anos 1980 como filosofia de vida, baseada em exercícios físicos regulares, alimentação equilibrada e bem-estar mental. Ele conta que o conceito de wellness é aplicado internamente, na estrutura da rede. Quase a totalidade dos colaboradores, ou 90% do time, segue um programa abrangente de exercícios e cuidados destinados à saúde. A empresa desenvolveu um programa corporativo robusto chamado Working 4 Wellness (W4W), que abran-



Início na garagem

Nerio Alessandri, fundador da Technogym, tem 64 anos e uma fortuna estimada em US\$ 2 bilhões. Alessandri começou a empresa em 1983, aos 22 anos, na garagem de sua casa. Hoje lidera a companhia com cerca de 2.300 funcionários



REPRODUÇÃO

Linha de produção na Itália: equipamentos são um braço do negócio

de", ele vê as pessoas se tornarem cada vez mais sedentárias. Mesmo com muita gente frequentando academias no Brasil, por exemplo, coisa que se nota no dia a dia em comparação a décadas passadas, o empresário vai muito mais atrás na linha do tempo. Ele exemplifica essa involução ao nos comparar a nossos antepassados – que caminhavam mais de 25km por dia, e hoje muitos não chegam a percorrer 1km.

Apesar da leitura feita por ele, somente no primeiro semestre deste ano, a empresa registrou resultados globais expressivos. A Technogym alcançou receita de 459 milhões de euros (quase R\$ 3 bilhões, segundo a cotação de 13 de outubro), com alta de 14% na base anual. O Ebitda (lucros antes de juros, impostos, amortizações e depreciações) ajustado registrou 85 milhões de euros, alta de 27%; e lucro líquido ajustado somou 44 milhões de euros, com crescimento de 34%. O desempenho foi consistente em todas as regiões de atuação da empresa, com destaque para a performance nas Américas e na Itália. As ações da companhia, negociadas na Bolsa de Milão, subiram 36% no ano – e mais de 54% em 12 meses.

Com um valor de mercado de 2,84 bilhões de euros, a Technogym foi a fornecedora oficial de equipamentos de várias edições dos Jogos Olímpicos, de

Setor opulento

O mercado fitness no Brasil é o segundo do mundo em número de estabelecimentos, e pode reunir até 60 mil empresas de condicionamento físico (entre academias, estúdios e até serviços apenas digitais). Atrás apenas dos Estados Unidos, o mercado no Brasil pode movimentar entre R\$ 8 bilhões e R\$ 12 bilhões, dependendo da metodologia e das empresas incluídas nas pesquisas.

O setor tem apresentado um crescimento consistente, indicam empresas de análise de mercado, entre elas a International Health, Racquet & Sportsclub Association. Projeções apontam para uma expansão anual de 9,5% até 2030. A movimentação financeira e o crescimento do número de praticantes refletem uma mudança cultural, onde a busca por bem-estar, saúde e qualidade de vida se tornou uma prioridade para uma parcela crescente da população brasileira.

Sydney (2000) a Paris (2024). A empresa fabrica um ecossistema completo de equipamentos inteligentes e serviços digitais, além de oferecer experiências de treinamento sob demanda e apps para uma experiência personalizada em qualquer lugar. **D**

Voo rasante

A Gol anunciou nesta semana a possibilidade de encerrar atividade na B3, em um movimento já esperado pelo mercado, enquanto sua controladora quer abrir capital nos EUA

Boeing 737 da companhia aérea cujos papéis já enfrentavam baixa liquidez



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

Com ações negociadas no mercado de capitais desde 2004, a companhia aérea Gol informou ao mercado nesta segunda-feira, 13, a possibilidade de fechar o capital — e a consequente saída do Nível 2 de governança da B3, a Bolsa de Valores de São Paulo. A reorganização societária, que depende da aprovação dos acionistas, busca simplificar a estrutura da empresa e reduzir os custos operacionais. A comunicação ao mercado foi feita por meio de fato relevante. A empresa operacional Gol Linhas Aéreas Inteligentes e a Gol Investment Brasil devem ser in-

corporadas pela empresa fechada Gol Linhas Aéreas S.A., segundo a proposta. Na quarta-feira da mesma semana, 15, o grupo Abra, controlador da Gol (e também da colombiana Avianca), anunciou em um comunicado sua intenção de abrir capital nos Estados Unidos. Vale lembrar que a Gol já negociou recibos de ações na bolsa de Nova York, os chamados ADRs. Contudo, as negociações foram suspensas pela Comissão de Valores Mobiliários americana, a SEC, em 2024, quando a aérea deu início a seu processo de recuperação judicial em tribunais norte-americanos.

Quem investe, ou seja, o mercado acionário, não foi pego de surpresa com o anúncio da Gol sobre o plano de fechar capital na B3. O movimento era esperado, especialmente após a drástica diluição dos acionistas minoritários em uma recente capitalização realizada no primeiro semestre — movimento que reduziu o free-float (ações em circulação no mercado) para menos de 1%. A decisão da companhia de sair da bolsa brasileira reflete a baixa liquidez de suas ações na bolsa. Para consumidores, o movimento não deve ter consequência direta. Para a concretização do plano, será lançada



*O presidente da Gol
Celso Ferrer: sinergias
e corte de custos*

DIVULGAÇÃO

uma oferta pública de aquisição (OPA) que não poderá ultrapassar R\$ 47,25 milhões. Com o movimento, a empresa recompraria os papéis que estão nas mãos dos acionistas minoritários com o fim de concentrar o capital nas mãos do atual controlador, o grupo Abra. A assembleia para a votação da proposta feita pela aérea está agendada para 4 de novembro.

O free-float da Gol, ou seja, o percentual de ações em circulação no mercado, é de apenas 0,78% após um aumento de capital de R\$ 12 bilhões realizado em maio deste ano. A bolsa brasileira de valores havia concedido à empresa um prazo até janeiro de 2027 para se adequar às regras de governança. Após o aumento de capital, a Gol Investment Brasil se tornou titular de cerca de 99,97% das ações ordinárias e 99,22% das preferenciais. A notícia da possível reorganização ocorre após o fim das especulações sobre a fusão entre Gol e Azul. Em setembro, o grupo

Abra comunicou ao mercado o fim das negociações para uma possível combinação de negócios entre as companhias.

As conversas não avançaram, visto que, neste momento, a Azul foca em seu processo de recuperação judicial – também em curso nos Estados Unidos. “As partes não tiveram discussões significativas ou progrediram em uma possível operação de combinação de negócios por vários meses como resultado do foco da Azul em seu processo de Chapter 11”, segundo um comunicado recente do grupo controlador da Gol. Ao mesmo tempo, as empresas também anunciaram o fim do acordo de codeshare – compartilhamento de voos – que havia sido firmado em maio de 2024. A parceria visava ampliar a conectividade no mercado doméstico. Apesar da decisão, as companhias dizem que vão honrar os bilhetes já comercializados sob a aliança. Depois da pandemia, as aéreas que atuam no Brasil enfrentaram processos de recuperação judicial (RJ) nos EUA.

A Latam foi a primeira: o processo de RJ durou entre 2020 e 2022. Já a Gol reestruturou a dívida e concluiu sua RJ entre janeiro de 2024 e junho deste ano – durante as negociações, a aérea levantou quase US\$ 2 bilhões em financiamentos, fator que permitiu à companhia reduzir sua alavancagem financeira e aumentar a liquidez para reorganizar as operações. O da Azul teve início em maio deste ano, e segue. As aéreas optam por tocar processos de recuperação judicial nos EUA por alguns fatores-chave. Um deles, é que a legislação específica local (chamada Chapter 11) oferece mecanismos facilitadores de obtenção de crédito para empresas que precisam se reestruturar financeiramente. Ademais, como muitos credores dessas empresas estão fora do Brasil, as negociações ocorrem de modo mais ágil. O Chapter 11 permite, por exemplo, que a companhia negocie coletivamente com credores em um único foro judicial, o que simplifica o processo. **D**



O vice-presidente da República, Geraldo Alckmin, esteve em evento prévio em Brasília nesta semana

Cadê os participantes?

A um mês do início da Conferência do Clima da ONU em Belém, o número exato de delegações confirmadas ainda provoca divergências

Em um mês, o Brasil deverá tornar-se o centro das discussões climáticas globais ao sediar a 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP30), com início marcado para 10 de novembro na capital paraense, Belém. É o primeiro evento da ONU sobre o clima a ser realizado no Brasil. Transição energética, fundo de florestas e aprofundar o conhecimento sobre o impacto dos oceanos ao clima encabeçam a lista de temas, em um debate que vai além da mitigação dos gases e inclui uma agenda de adaptação – ou seja, o desenho de um conjunto de estratégias para ajustar ecossistemas e sistemas humanos aos impactos inevitáveis das mudanças climáticas. Por questões estruturais na cidade que vai receber o evento da ONU, contudo, números desencontrados e informações de bastidores põem o sucesso de um evento dessa magnitude em xeque.

É que a cidade que vai abrigar a COP30 precisou focar em ajustes logísticos e de infraestrutura – e na esteira disso, a especulação imobiliária e o altíssimo preço dos hotéis podem ser uma causa para o enxugamento de integrantes em delegações de países (e até a falta de alguns deles). Até o início da semana, os números divulgados pelo governo federal do Brasil e pelos organizadores do evento eram contraditórios. O governo informou que havia, até meados de dia 10 de outubro, 87 países com hospedagens confirmadas – mas outras 90 delegações estariam ainda sem lugar para ficar. A organização do evento, por sua vez, diz que o número de confirmados totaliza 162 países. Os preços altos e insatisfação de países em desenvolvimento geraram dissabores entre organização, governo federal e estes participantes.

A convenção do clima da ONU, conhecida como UNFCCC, é formada por

198 partes (197 Estados mais a União Europeia) e exige a presença de ao menos dois terços dos membros, ou 132 delegações, para legitimar qualquer decisão nas cúpulas. Assim, o total atual de países com reservas garantidas está abaixo do mínimo necessário.

Enquanto surgem dúvidas a respeito do quórum da conferência (é necessário o mínimo de 132 nações participantes para legitimar decisões tomadas), especialistas e negociadores brasileiros já buscam consensos para impulsionar a agenda internacional. A presidência brasileira na COP30 é de enorme responsabilidade em um momento crítico para o planeta. Os brasileiros terão como primeiro desafio a costura e fortalecimento do multilateralismo, disse recentemente o secretário Nacional de Mudança do Clima do Ministério do Meio Ambiente, Aloisio Lopes de Melo. Em um cenário global de conflitos po-



PEDRO FRANÇA

Lopes de Melo, secretário do clima: “Tem um bombardeio ao sistema multilateral”

líticos e bélicos, cresce a necessidade de reafirmar a estrutura de acordos internacionais – a exemplo do Acordo de Paris como o caminho mais eficaz para enfrentar as mudanças climáticas.

“Tem um bombardeio ao sistema multilateral. A COP 30 tem que mostrar que esse sistema é capaz de dar resposta e mostrar ação”, disse o brasileiro. Mais um ponto crucial é ampliar o engajamento, de fato, dos países. Embora o Acordo de Paris se baseie em contribuições voluntárias, menos de 50 nações entregaram suas Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs). Esse cenário de baixo comprometimento é agravado por reveses como a saída anunciada dos Estados Unidos do acordo internacional sob a gestão do então presidente Donald Trump. Em contrapartida, outros países vêm revisando diretrizes, como o Brasil fez com sua Política Nacional sobre Mu-

dança do Clima para se alinhar ao acordo – e tem o objetivo de alcançar emissões líquidas zero até 2050. Nada disso adianta, contudo, se não houver envolvimento real do setor privado em torno de inovação e descarbonização como um direcionador estratégico. Mas o secretário brasileiro aponta que métricas e agendas tecnológicas estão cada vez mais claras, o que demonstra uma convergência de esforços entre os setores público e privado. O financiamento continua sendo um dos maiores desafios, com a necessidade de mobilizar US\$ 1,3 trilhão até 2035 – meta desenhada por nações em desenvolvimento. Parte do montante será destinada à pesquisa, desenvolvimento, inovação e à implementação efetiva de medidas em países.

Além das diretrizes de mitigação (reduzir emissão de gases), há um outro conjunto de ações em foco na COP30,

que é a adaptação. Isso é o desenho de um conjunto de ações e estratégias destinadas a ajustar ecossistemas e sistemas humanos aos impactos inevitáveis das mudanças climáticas. Há expectativa de aprovação de um marco de indicadores que servirá como referência global. A equipe brasileira participou ativamente da proposta que elenca cem deles para adaptação global – um trabalho que, se aprovado, guiará os países a partir de agora. Em meio aos pontos debatidos, a transição energética é um dos temas mais sensíveis do evento, bem como o Fundo Tropical das Florestas (TFFF), um mecanismo de recompensa para países que preservam suas florestas tropicais. A necessidade de desenvolver mais conhecimento sobre o impacto dos oceanos ao clima também ganha destaque, e exige aprofundamento científico. **D**



*Brasil e Colômbia
estão entre os
maiores produtores
do mundo de café da
variedade arábica*

IMAGEM GERADA POR IA

Cafezinho brasileiro ou colombiano?

*'Tarifaço' dos Estados Unidos e aumento de produção da Colômbia
são desafios no horizonte dos cafeicultores do Brasil*

Mesmo com os desafios geopolíticos que se impõem sobre cadeias de fornecimento e negociações, o agronegócio brasileiro mostrou certa resiliência (e competitividade intacta) no mês passado, quando o país registrou o maior valor de receita com exportações para setembro na série histórica: US\$ 14,95 bilhões, com alta de 6,1% em um ano. Cadeias de carnes e milho se destacaram, enquanto, paralelamente, os embarques de café foram impactados. A cadeia de café é um dos segmentos do agro que encaram, neste momento, um horizonte particularmente desafiador

em vendas externas. Resta saber de que modo isso refletirá internamente.

O Brasil está entre os principais fornecedores do mundo do grão, e enquanto a política tarifária norte-americana acerta em cheio os cafeicultores brasileiros, há o aumento de produção divulgado pelos vizinhos colombianos – os maiores rivais do Brasil no mercado internacional da bebida. Apesar do desempenho geral positivo do agro nos embarques em setembro, o café enfrentou obstáculos sobretudo devido ao 'tarifaço' de Donald Trump. O Conselho dos Exportadores de Café (Cecafé) apontou

recentemente que as exportações totais de café verde do Brasil para o mundo recuaram 18% em setembro, comparado há um ano, totalizando 3,45 milhões de sacas de 60 kg. Somente as indústrias e cafeterias norte-americanas reduziram suas compras em 52,8% em relação a setembro de 2024, adquirindo pouco mais de 332 mil sacas no mês passado.

Com a queda, os Estados Unidos, sempre líderes em compras, desceram para o terceiro lugar no ranking mensal de importadores, e ficou atrás da Alemanha (654.638 sacas) e da Itália (334.654 sacas).

Carnes, milho e sementes

O valor exportado pelo Brasil em setembro, aproximados US\$ 15 bilhões, cresceu 6,1% em comparação com o mesmo mês do ano passado, e o setor respondeu por metade, ou 49%, do total do país no período. A alta foi impulsionada, principalmente, pelo aumento de 7,4% nos volumes embarcados, mesmo em um cenário de leve recuo de 1,1% nos preços médios internacionais. Desde janeiro, as vendas do agro somam US\$ 126 bilhões – alta de 0,7% no comparativo anual.

Parte da explicação para o resultado positivo é a estratégia de abertura e diversificação de mercados, que, a partir de 2023, resultou na abertura de 444 novas oportunidades para os produtores brasileiros, informou o Ministério da Agricultura, que computa as informações. Entre os destaques de setembro estão a carne bovina in natura (US\$ 1,77 bilhão, com alta expressiva de 55,6% na comparação com o mesmo mês de 2024), a carne suína in natura, com US\$ 346,1 milhões faturados – segunda alta mais significativa do período, de 28,6%, e o milho, com US\$ 1,52 bilhão e crescimento de 23,5% em setembro. Além dos produtos tradicionais, o mês de setembro também foi marcado por recordes em volumes de exportação em itens menos usuais na pauta, como as sementes de oleaginosas (exceto soja). O produto registrou um salto de 92,3% em volume embarcado. Melancias frescas (alta de 65%), feijões (50,8%) e os lácteos (13,7%) entraram na lista.

CARLOS PIMENTA SOUZA JUNIOR/UNSPASH



Carne bovina, suína e milho são destaques do agro em setembro

Márcio Ferreira, presidente do Ccafé, reforçou a necessidade de negociação com o país, afirmando que o Brasil não pode “renunciar” a esse mercado. Paralelamente, os produtores da Colômbia, o terceiro exportador global depois do Brasil e Vietnã, anunciaram sua melhor safra anual do grão em 33 anos na terça-feira, 7. Há diferenças entre os cafés produzidos pelos maiores exportadores. A Colômbia é uma expert em alguns tipos de arábica – variedade de cafés mais suaves –, bem como o Brasil, que também produz os tipos robusta (por sua vez, variedades exportadas pelo Vietnã). Os brasileiros, por fim, concorrem nas duas frentes dos rivais. Os torrados e moídos no Brasil contêm misturas desses dois tipos, variedades de arábicas e robustas.

As regiões produtoras de café colombianas “vivem uma nova bonança”, disse a Federação Nacional de Cafei-

cultores (FNC) local, o que lhes permite avançar em infraestrutura e tecnologia no cultivo. Entre outubro de 2024 e setembro passado, a Colômbia produziu 14,8 milhões de sacas de 60 kg, de acordo com o sindicato. É um recorde em 33 anos, dizem os produtores vizinhos, e representa “uma produção 17% maior em relação ao ano anterior”, segundo o comunicado da entidade de produtores. O aumento da produção neste ano se deve a mudanças no método de colheita, melhores fertilizantes e variedades de plantas mais resistentes às mudanças climáticas. Da produção total, 13,3 milhões de sacas foram exportadas – 12% a mais que o registro anterior. O presidente do sindicato dos cafeicultores colombianos, Germán Bahamón, previu na rede social ‘X’ que a produção do próximo ano será menor devido às chuvas e ao enfraquecimento natural das plantas nos cafezais. **D**

*Líderes do setor
investem em inovação
tecnológica para
garantir energia a
seus data centers*



DIVULGAÇÃO

Os gigantes da era digital

A popularização da inteligência artificial abre caminho para uma nova geração de data centers que requerem bilhões de dólares em investimentos— e o Brasil se posiciona como forte candidato a receber essas instalações

Alessandro Martins

Das redes sociais ao streaming, da internet das coisas à inteligência artificial, todos os dados que chegam até você estão sendo processados e armazenados em algum lugar. São os chamados data centers, estruturas gigantescas, com computadores de grande porte e de última geração, e que podem chegar a consumir alguns bilhões de dólares em sua construção, dependendo do grau de sofisticação e finalidade de uso. Apenas a expansão da inteligência artificial (IA) exige equipamentos de grande capacidade e que consomem de forma voraz um imenso volume de energia no processamento de informações. São estruturas tão complexas e estratégicas para o futuro da tecnologia que a mera definição de suas instalações tem recebido status de acontecimento geopolítico e socioeconômico. A receita para atraí-los consiste de uma tríade básica de condições: espaço, energia e co-

nectividade. Um país que consiga oferecer essa tríade tem uma vaga garantida no futuro digital – e, para especialistas, o Brasil é um dos fortes candidatos para se tornar uma espécie de hub mundial desse tipo de estrutura.

Atualmente, boa parte da infraestrutura global está dividida entre Estados Unidos, com 45% das estruturas em operação, e Europa (15%), segundo dados da empresa de rating Moody's Local. Mas, com maior demanda por data centers (e por energia para suas operações), o segmento enfrenta dificuldades relacionadas ao fornecimento de energia e água nessas regiões para abastecê-las. As regulamentações sobre eficiência energética e emissões de carbono são aspectos cruciais para o setor num mundo que expande o uso de IA ao mesmo tempo que precisa olhar com urgência para a agenda do clima. Os olhos das grandes prestadoras de serviços

nesse setor – as quais reúnem com como clientes empresas como Amazon, Google e Microsoft – têm se dirigido para o Brasil com mais atenção, pois o país se destaca pela matriz energética diversificada, com significativa participação de fontes renováveis e abundância de recursos hídricos.

Os brasileiros estão em 12º no ranking mundial de data centers, logo atrás dos Países Baixos, com 195 estruturas espalhadas por 17 estados. A maior concentração, hoje, se dá no estado de São Paulo e os investimentos em infraestrutura tecnológica têm sido vultosos. Em 2023, o Brasil foi o país que mais recebeu recursos nessa área na América Latina, com um total de US\$ 50 bilhões, de acordo com os dados da Moody's Local. Mais que uma oportunidade de expansão de negócios para as empresas do ramo, há uma necessidade de melhoria de infraestrutura digital para atender à população. Em 2024, o Brasil atingiu a marca de 93,6% de pessoas conectadas à internet, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Apesar disso, mais da metade dos dados brasileiros ainda são processados e armazenados no exterior.

Por outro lado, o impacto dessas estruturas gigantescas ao meio ambiente – e eventualmente sobre populações vizinhas – é um outro aspecto que desponta no cenário pelos desafios trazidos às companhias. Para quem toca o negócio, há exposição aos riscos de gestão da água, considerando o crescimento populacional, o aumento do consumo industrial e as mudanças climáticas.

Amazon, Google e Microsoft já têm data centers no Brasil, e a tendência é de expansão para atender um volume crescente de processamento de dados. "Isso acontece especialmente nos locais voltados para armazenamento em nuvem e inferência de inteligência artificial", explicou Naomi Gozzi, responsável por estudos setoriais da Moody's Local à IstoÉ Dinheiro.

Metade dos data centers brasileiros está no estado de São Paulo e isso acon-

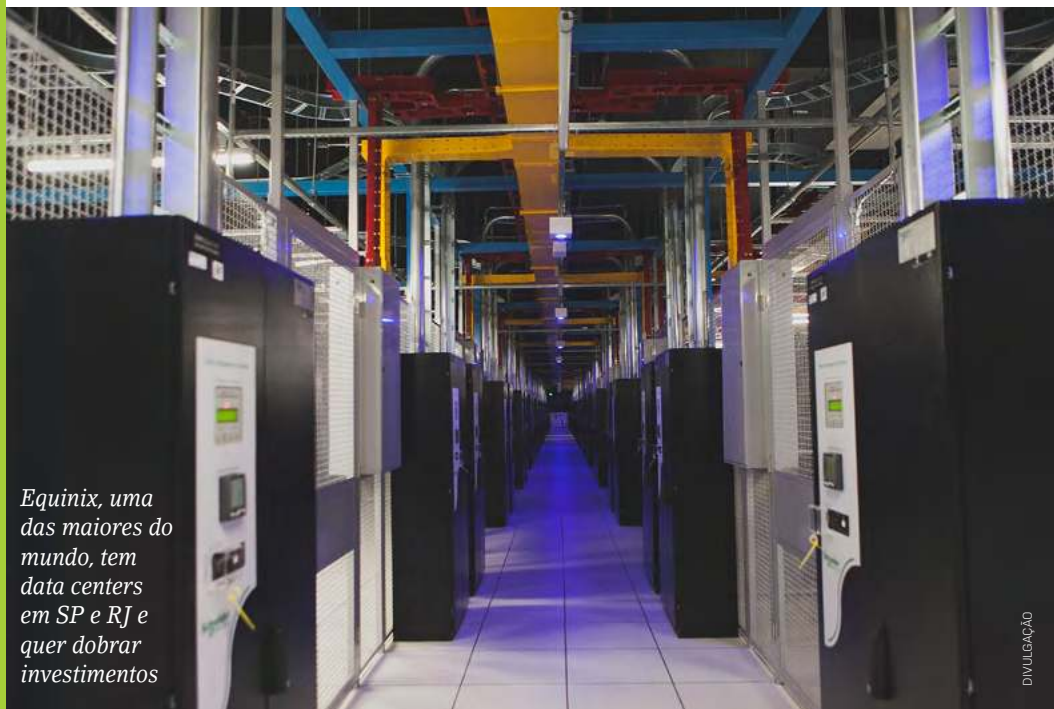
*Eduardo Carvalho,
presidente Equinix para
AL: aportes envolvem
data centers de IA*



DIVULGAÇÃO

Os vorazes data centers de IA

As iniciativas planejadas para o Brasil nos próximos anos devem tornar o país um destino importante na corrida para receber data centers voltados ao processamento de dados para inteligência artificial (IA). Por ora, as operações instaladas por aqui são data centers convencionais, diferentes dos voltados à IA. Cada consulta a um chatbot, como o ChatGPT, é resultado do processamento, cruzamento e envio de milhares de dados, o que requer uma infraestrutura capaz de abrigar e — mais importante — resfriar servidores poderosos. Essas máquinas têm necessidade de sistemas mais complexos de resfriamento, que geram um alto consumo de água e energia. Data centers tradicionais trabalham com capacidade de 10 a 20 megawatts (MW). Já nos que atendem IA, isso varia de 50 a 100 MW no mínimo — o equivalente ao gasto energético de um município como Vinhedo (SP). Os investidores vão aportar um volume muito maior de recursos, já que equipamentos dessas operações podem custar a partir de US\$ 10 bilhões. Uma iniciativa público-privada anunciada pelo governo dos EUA em janeiro, o “Projeto Stargate”, envolve gigantes do porte de OpenAI e Oracle, e vai aplicar mais de US\$ 500 bilhões (cerca de R\$ 2,6 trilhões) em infraestrutura física e digital. Os data centers que atendem empresas de IA nos EUA têm gerado dor de cabeça: o preço da eletricidade no atacado subiu mais de 200% em cinco anos em áreas próximas a essas estruturas. A iniciativa prevê a instalação de data centers fora dos EUA, em países onde há recursos renováveis em maior volume. A Argentina vai hospedar o primeiro da extensão do Stargate na América do Sul, parceria entre OpenAI e Sur Energy, com aporte de US\$ 25 bilhões.



Equinix, uma das maiores do mundo, tem data centers em SP e RJ e quer dobrar investimentos

DIVULGAÇÃO

tece devido à robusta infraestrutura e proximidade das grandes empresas e instituições financeiras do país, com destaque para a região metropolitana da capital e município de Campinas. Mas isso tende a mudar. A ByteDance, dona do TikTok, por exemplo, acaba de anunciar a construção de um data center em Caucaia, no Ceará. A brasileira Elea Data Centers, que acaba de fechar contrato bilionário para fornecer esses serviços à Petrobras, está construindo um campus no Rio de Janeiro. O potencial do país para abrigar mais dessas gigantescas estruturas impulsiona um conjunto de iniciativas privadas e públicas. Ainda no universo privado, Ascenty e a Equinix, nas mãos de norte-americanos (a segunda é uma das maiores do mundo no ramo), também investem no Brasil.

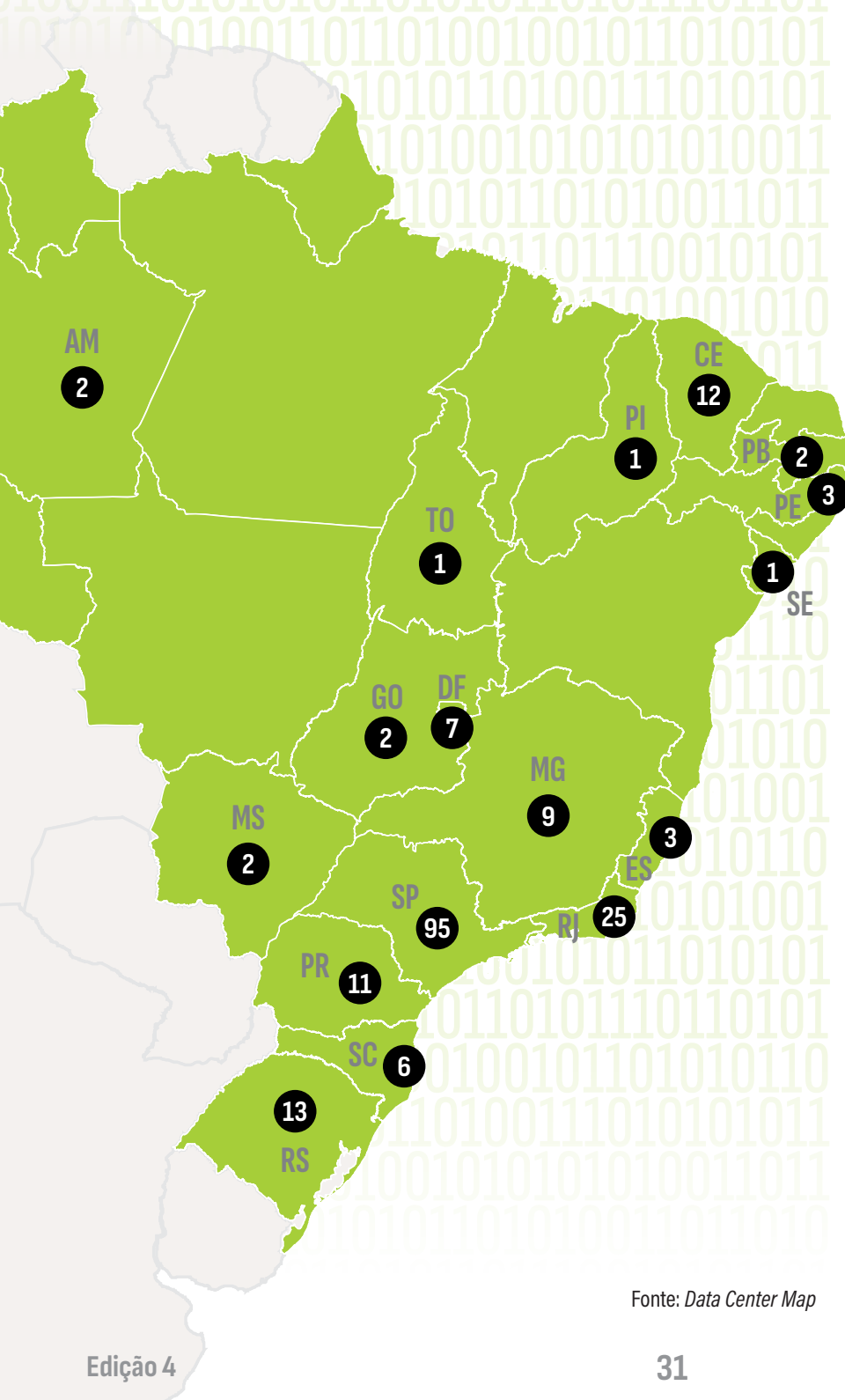
No caso brasileiro, a expansão dos data centers acabou se transformando ainda em política pública, com técnicos do Governo Federal circulando pelas matrizes internacionais das grandes do ramo oferecendo oportunidades por aqui. “Queremos mostrar que o Brasil é o lugar certo para investir, com grande destaque para a matriz energética, com fontes renováveis e grande disponibilidade de recursos hídricos. Essa junção de fatores nos deixa bem colocados para

atrair investimentos”, disse o ministro das Comunicações, Frederico de Siqueira Filho, à IstoÉ Dinheiro. O Brasil gera quase 90% da sua energia elétrica a partir de fontes renováveis. Para efeito de comparação, a porcentagem nos Estados Unidos (atual coração geográfico do setor) é de 18%. Um dos atrativos para fazer publicidade internacional é a Política Nacional de Data Centers (PNDC). Há três semanas, o presidente Luis Inácio Lula da Silva assinou a Medida Provisória (MP) que cria o Regime Especial de Tributação para Serviços de Datacenter no Brasil, o Redata — principal instrumento tributário da política.

Com as novas regras, as companhias do segmento ficarão isentas de PIS/Pasep, Cofins e IPI ao comprar equipamentos destinados à implantação, ampliação e manutenção de data centers. O plano visa estimular até R\$ 2 trilhões de investimento nos próximos dez anos, segundo o Ministério da Fazenda. Efeitos do Redata já estavam previstos no pacote da reforma tributária, a qual entra em vigor de forma gradual até 2033, mas isso foi antecipado para aproveitar a boa maré em curso, de preferência a partir de 2026, caso o texto seja aprovado nos próximos meses. Outro ponto da MP prevê que os beneficiários terão

Onde eles estão

O Brasil tem 195 data centers, instalados em 17 estados. Confira a distribuição abaixo



Fonte: Data Center Map

que oferecer ao mercado brasileiro o mínimo de 10% da capacidade de processamento, armazenagem e tratamento de dados. A medida é considerada essencial pelo governo, e o chefe da pasta das Comunicações acredita que o Congresso Nacional deverá apreciar o texto em breve, antes mesmo de entrar em regime de urgência no início de novembro. “O Redata vai colocar o Brasil em igualdade fiscal com outros países e possibilita a atração de oportunidades inéditas”, opina Renan Lima Alves, presidente da Associação Brasileira de Data Centers (ABDC).

A iniciativa é um dos fatores para impulsionar os movimentos da norte-americana Equinix no Brasil. Uma das maiores do mundo no setor, a companhia instalou oito data centers distribuídos por São Paulo e Rio de Janeiro entre 2013 e 2023 – com investimento da ordem de US\$ 262 milhões no período (ou média de R\$ 1 bilhão anuais, calcula a própria companhia). “A partir do Redata pretendemos dobrar esse investimento nos próximos 5 anos, inclusive em parceria com grandes empresas, como a Nvidia, para acelerar o crescimento na área de inteligência artificial”, conta Eduardo Carvalho, presidente da Equinix para a América Latina. O aumento de volume também considera o tipo de equipamento mais caro destinado aos data centers de processamento de dados para IA. Outra empresa expressiva do setor, a Ascenty, que tem como maior acionista a norte-americana Digital Realty, tem pelo menos 24 instalações em operação no Brasil. Recentemente, a Ascenty anunciou que mais uma delas deve começar a operar até maio do próximo ano. O chamado SP5 é o quinto data center da companhia na região metropolitana de São Paulo, e não será o último: duas novas unidades estão planejadas e o aporte deve somar R\$ 1,5 bilhão, contou Rodrigo Radaieski, diretor de operações (COO, na sigla em inglês).

A política pública de estímulo, como previsto, acaba por incomodar fabricantes locais de equipamentos uma vez que estimula a importação de servidores e componentes. Diego Puerta, presidente da Dell no Brasil, fez ressalvas durante coletiva de imprensa no Dell Forum, em São Paulo. “O Brasil é o maior produtor de eletroeletrônicos do mundo

*Ascenty, com
24 estruturas no
Brasil, planeja
mais três unidades*

O que são data centers

ocidental. Em vez de importar, por que não desenvolvemos a indústria para produzirmos esses equipamentos aqui? O impacto nas oportunidades seria imensurável”, opinou Puerta no evento realizado no início de outubro. Mais uma avaliação crítica partiu de Marco Stefanini, fundador da multinacional brasileira de tecnologia Stefanini. Para ele, investir no setor exige mais do que infraestrutura que relaciona os data centers. “O mesmo incentivo que foi dado aos data centers deveria ser dado ao que a gente chama de conteúdo de inteligência artificial, construção de softwares, soluções baseadas em IA”, disse o empresário.

A MP do governo federal inclui um capítulo crucial já observando o futuro dos data centers projetados para atender à necessidade de energia e água dos projetos relacionados à IA, visto

Os data centers são os locais físicos que abrigam servidores e sistemas usados para armazenar, processar e distribuir dados. São eles que garantem o funcionamento de sites, aplicativos e serviços de nuvem usados em computadores ou celulares. Ou seja, assistir a um filme de maneira instantânea na Netflix ou HBO Max só é possível graças à presença dessas estruturas, que separam e distribuem os dados de um filme de acordo com a localização do espectador. Acima de tudo, são elas que garantem o bom funcionamento do ecossistema digital que integra os mais diferentes serviços prestados atualmente. As empresas clientes – nessa lista há gigantes como Amazon e Meta – podem optar pelo modelo de varejo, quando dividem o espaço de uso com outras companhias.

que, para acessar os benefícios fiscais previstos, as empresas deverão utilizar energia limpa e sistemas de refrigeração fechados, que reaproveitem água já utilizada. Nesse cenário, companhias como a Casa dos Ventos – geradora de energia renovável e parceira da ByteDance na construção do data center do TikTok no Ceará – podem vislumbrar mais oportunidades se adaptados às exigências do Redata. Vale lembrar que Casa dos Ventos e ByteDance assinaram um projeto com aporte de R\$ 50 bilhões em Caucaia (CE). O estado nordestino vem atraindo olhares de investidores não só por sua concentração de cabos submarinos de fibra óptica, mas também por contar com uma Zona de Processamento de Exportação, parte do Complexo de Pecém, que garante vantagens tributárias para data centers. **D**

Colaborou Eduardo Vargas



Exposição
irá além do
modelo estático
e oferecerá
experiências
em uma pista
de testes

O salão está de volta

Depois de sete anos, o Anhembi receberá novamente o tradicional evento automobilístico, com a Stellantis e montadoras asiáticas entre as grandes atrações — e sem a participação de marcas como Volkswagen, Ford e Chevrolet

Lucca Mendonça e Mauro Balhessa

Após um intervalo de sete anos, o Salão Internacional do Automóvel de São Paulo está de volta. Os organizadores da 31ª edição do evento — o qual chega a ser classificado como o maior do setor automotivo da América Latina — promete uma necessária reformulação, e terá formato focado na experiência do visitante. O longo período de ausência se justifica por uma combinação de fatores que levaram as montadoras a re-

pensarem o modelo de feira estática. O alto custo para a participação delas no evento — em que, na versão de 2018, um grande estande chegava a custar entre R\$ 10 milhões e R\$ 20 milhões — aliado à popularização das mídias sociais para a divulgação de lançamentos e a falta de experiências interativas, são fatores que contribuíram para o desinteresse de um formato de exibição que remontava à década de 1960.

Na edição seguinte, que deveria acontecer em 2020 (o evento é bi-anual), o salão foi cancelado devido à pandemia de Covid-19 e adiado para 2021. No entanto, na ocasião, a maioria das montadoras já tinham se desinteressado pelo modelo. Ocorreu então novo adiamento, de 2021 para 2022. Dessa vez, com a baixa procura dos expositores, o salão acabou definitivamente cancelado, a exemplo do que acontecia



McLaren Artura é um dos carros confirmados no salão

DIVULGAÇÃO

em outras cidades do mundo. Na ocasião, lideranças do setor automotivo não pouparam críticas à iniciativa. O então presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Luiz Carlos Moraes, chegou a declarar que “o salão, no conceito antigo – ou seja, com ambiente indoor, estático e sem experimentação” havia acabado. O dirigente reconheceu a necessidade de haver transformação profunda no modelo do salão.

A ideia de um novo formato, batizado de “São Paulo Motor Experience”, chegou a ser cogitada para 2022. A proposta era aproximar o evento do bem-sucedido Festival Interlagos, que oferece testes de automóveis e shows, e realizá-lo no Autódromo de Interlagos. O evento foi novamente adiado, desta vez para 2023, sob a justificativa de que a situação global do setor automotivo ainda enfrentava desafios decorrentes da pandemia, como a crise dos semicondutores. Em 2024, com a ausência do salão, o Festival Interlagos consolidou-se como o grande evento do segmento automotivo.

O retorno do Salão do Automóvel em 2025 acontece em um cenário totalmente diferente para a indústria automobilística brasileira. A entrada em massa de montadoras chinesas com seus automóveis elétricos, o fomento do Governo Federal ao setor por meio do programa

Coleção de clássicos e customização

O evento contará com a participação de referências para o automobilismo, como o ex-piloto Luis Fernando Baptista (conhecido como Batistinha), especialista em customização e restauração, e trará clássicos do Carde Arte Design Museu. Entre as raridades expostas estarão a VW Kombi 1960, que brilhou na primeira edição do Salão, o raro STV Uirapuru 1966, o icônico Dodge Charger R/T 1971 e o VW Gol GTI 1989, o primeiro modelo brasileiro a usar injeção eletrônica. Supermáquinas raras e emblemáticas, cedidas pelo MotorGrid Brasil, também farão parte da exposição. O espaço Dream Lounge terá um acervo de capacetes históricos de pilotos de Fórmula 1, como de Ayrton Senna, Nelson Piquet e Emerson Fittipaldi.

O primeiro lote de ingressos já está à venda no site da organização, com valores promocionais a partir de R\$ 116 (inteira para dias de semana) e R\$ 145 (inteira para finais de semana). Os ingressos para o espaço Dream Lounge custarão R\$ 440 (dias de semana) e R\$ 530 (finais de semana). A organização preparou ainda uma pré-estreia do Salão, no dia 21 de novembro, com ingressos que saem por R\$ 1 mil.

Mover, com incentivos fiscais para montadoras e empresas do setor invistirem em inovação e tecnologias limpas, além da necessidade das marcas de se reconectarem diretamente com o público criaram um ambiente propício para a volta do evento. Em comunicado oficial, a empresa organizadora, a RX aponta que a pausa foi uma oportunidade para atender às novas demandas do público.

A 31ª edição está marcada para o período entre 22 a 30 de novembro e vai acontecer no Distrito Anhembi, na zona norte da capital paulista, que abrigou a maioria das edições do evento, entre 1970 e 2014. Em uma área de 67 mil m² e cinco pavilhões, a expectativa é receber mais de 700 mil participantes. O novo formato terá estandes padronizados, para reduzir custos dos expositores e valorizar o contato direto do público com os veículos. Até o momento, 25 montadoras confirmaram presença, incluindo as chinesas BYD, GWM e Leapmotor, e gigantes como Stellantis, Hyundai, Toyota e Honda. Marcas tradicionais como Volkswagen, Chevrolet, Ford, Audi e Porsche, no entanto, ficarão de fora. Com uma pista indoor para que os visitantes testem os veículos, a edição de 2025 promete ser diferente. Além dos lançamentos de carros elétricos, híbridos e a combustão, o Salão quer ir além e se transformar em uma opção de entretenimento. **D**

Óculos inteligentes na praça

Oakley lança no Brasil smart glasses esportivos desenvolvidos com a Meta; a big tech expande sua atuação no segmento no país, que já conta com modelo da Ray-Ban com IA integrada

A Meta está ampliando sua oferta de óculos inteligentes integrados com IA para o consumidor brasileiro. No sábado, chegou ao mercado o modelo Oakley Meta HSTN, parceria feita com a marca esportiva. As vendas começaram no sábado, 11, em lojas da Oakley no país e com o preço de R\$ 3.459. O lançamento representa a entrada da Meta no segmento de smart glasses para esportes. O surfista Gabriel Medina é um dos embaixadores da nova linha de produtos.

Voltado a quem tem uma rotina ao ar livre – não apenas esportistas –, o Oakley Meta HSTN combina o design aerodinâmico característico da marca de óculos com tecnologia de ponta. Equipado com a assistente Meta AI, o modelo permite gravar vídeos em alta resolução, consultar informações de desempenho, como velocidade do vento, e traduzir textos e placas em tempo real. A bateria oferece até oito horas de uso contínuo. Com o estojo de recarga integrado, o tempo total de autonomia chega a 48 horas. O produto chega em versões com lentes Prizm, conhecidas por realçar contraste e nitidez em ambientes externos.

Com essa parceria e a aproximação do público praticante de esportes e também dos que buscam alta performance, a Meta estende o alcance de sua tecnologia para além da moda e do lifestyle. Nesse quesito, sua grande aposta é o Ray-Ban Meta (Gen 2), smart glasses disponíveis no país desde setembro.

Os modelos da Ray-Ban, desenvolvidos pela EssilorLuxottica (dona das duas empresas), mantêm o estilo icônico da marca e integram funções de

assistente virtual e captura de imagem. Com câmeras de 3K Ultra HD, microfones direcionais e conectividade com WhatsApp, Messenger e Instagram, os óculos permitem atender chamadas, ouvir música, tirar fotos, postar nas redes e até traduzir conversas entre seis idiomas sem o uso do celular. O modelo custa a partir de R\$ 3.299 e está disponível nas armações Wayfarer, Headliner e Skyler, com lentes solares, transparentes ou de prescrição.

A principal diferença entre os dois óculos inteligentes está na proposta de uso. Enquanto o Ray-Ban Meta aposta na estética urbana, o Oakley Meta HSTN prioriza resistência, ergonomia e foco funcional. Ambos utilizam a mesma base de IA, com comandos de voz para pesquisa, tradução e registro de imagens, mas o acabamento e o formato da Oakley favorecem mobilidade e imersão, inclusive em condições climáticas

adversas - o modelo possui resistência à poeira e respingos d'água.

E a linha esportiva da Meta não deve parar por aqui. A marca prepara o lançamento do Oakley Meta Vanguard, que já foi homologado pela Anatel. Nesse produto, a câmera ultrawide ocupa lugar central (não fica na lateral como os outros dois produtos da Meta). O modelo tem integração com as aplicações de Strava e Garmin, comprovando sua vocação esportiva. Voltado a ciclistas e atletas de alta performance, o Vanguard expande o conceito de wearable da Meta. **D**

Voltado para o lifestyle, o Ray-Ban Meta (Gen 2) traduz conversas em seis idiomas sem o uso do celular

Esportivo, o Oakley Meta HSTN permite consultar informações de desempenho, como velocidade do vento

FOTOS DIVULGAÇÃO

Esqui paulistano

Empresário da construção civil, filho do fundador do Atacadão, viu um novo negócio numa viagem: o potencial do brasileiro esquiador

Alexandre Inácio

Não estranhe se o seu colega de trabalho negar o convite para o happy hour naquele bar de sempre da Faria Lima dizendo que vai para a aula de esqui. Não é uma desculpa. É que esqui em São Paulo já não é mais um sonho impossível. Marco Parizotto, ex-empresário da construção civil (e filho do fundador do Atacadão, Alcides Parizotto) enxergou um negócio numa viagem particular. Então, decidiu trazer para o coração financeiro da capital

paulista um conjunto de simuladores que oferecem a experiência.

Parizotto abriu as portas da Born to Ski em 7 de outubro, e conta que, já na primeira semana, a lotação esgotou. Com um investimento de R\$ 10 milhões, o empresário trouxe para o Brasil dois equipamentos holandeses, onde pretende oferecer aulas que prometem aperfeiçoar aspectos técnicos dos mais experientes e ensinar àqueles que ainda não têm familiaridade com o esporte.

“Para um principiante ou para quem esquia pouco, se a pessoa fizer dez aulas eu garanto que vai esqui no primeiro dia na neve”, disse, durante conversa com a IstoÉ Dinheiro.

A ideia para o projeto surgiu em uma viagem em janeiro deste ano. Praticante de esqui desde os dez anos de idade, percebeu que o número de brasileiros interessados em esqui estava crescendo. Ele conta que, há anos atrás quando ia esqui, encontrava poucos brasileiros. “Eu fui para o Club Med em janeiro [de 2025] e 70% eram brasileiros. Hoje, no Club Med da França tem mais brasileiros do que franceses. Pensei: tem um business aí”, continua Parizotto.

Na mesma viagem ele foi logo em seguida para a Espanha onde testou o primeiro equipamento. A tese dele é

Treinamento na unidade aberta em outubro é feito em esteiras





Simuladores tamanho família são da Holanda e aceitam dois alunos por vez

REPRODUÇÃO

contribuir para que o brasileiro tenha um lugar onde possa ganhar experiência no esporte, para que seus primeiros dias na neve real não sejam tão caóticos. Em maio deste ano, então, o empresário fechou a aquisição de dois simuladores e o aluguel do espaço próximo à avenida Brigadeiro Faria Lima – onde hoje fica a Born to Ski. Não há dados oficiais sobre o número de brasileiros que praticam esqui com alguma regularidade, mas estima-se que 100 mil pessoas já

tenham alguma familiaridade com o esporte – 50 mil são de São Paulo.

Os simuladores adquiridos por Parizotto não são exatamente uma novidade no mundo do esqui. Comuns ao redor do mundo, só na Holanda, de onde foram importados, existem 69 centros de treinamento onde são utilizados. Modelos semelhantes também podem ser encontrados em fornecedores chineses e ucranianos. Na prática, são duas esteiras de corrida em tamanho família, onde é

possível controlar a inclinação e a velocidade. O modelo usado pela escola de esqui da Faria Lima comporta até três pessoas ao mesmo tempo, mas Parizotto conta que, em um primeiro momento, trabalhará com uma capacidade de dois alunos por vez, pensando em segurança durante um período de adaptação.

Os equipamentos utilizados são os mesmos tradicionalmente alugados em estações pelo mundo afora. A diferença é que os esquis não têm as laterais afiadas, já que não existe neve para ser “cortada”, nem encerados. Eles são apenas molhados para reduzir a aderência ao carpete sintético que faz o papel da neve. O modelo de negócio criado para a Born to Ski é uma mistura do que se pratica na Europa e nos Estados Unidos. Durante a semana, a empresa vai funcionar como uma escola do modelo americano. Por R\$ 1,3 mil ao mês (ou R\$ 1,2 mensais no plano semestral), o aluno faz quatro aulas por mês (uma por semana), de uma hora cada, em dia e horário fixo. Aos fins de semana, o aluno seguirá o modelo europeu: pode contratar aulas avulsas de uma hora, divididas em séries. Em média, cada aula de uma hora na escola de esqui da Faria Lima sai por R\$ 300.

Para efeito comparativo, uma hora de aula na estação de esqui de Val Thorens, na França, não sai por menos de R\$ 500. “Na montanha, o professor vai na frente, você vai atrás e por mais que você tente imitá-lo, ele não consegue fazer as correções imediatamente. A aula de 45 minutos aqui vale mais do que meio dia na montanha. É aqui que geramos valor para o cliente”, conta. A Born to Ski é um negócio familiar. Parizotto – formado em administração de empresas –, sua irmã e seu genro são os sócios controladores do negócio. Contudo, outros membros da família possuem uma participação minoritária na operação.

Na década de 1990 ele entrou para o ramo da construção civil ao fundar a incorporadora Inpar. Chegou a abrir capital em 2007, mas, assim como muitos empresários do ramo, acabou sofrendo os efeitos da crise imobiliária norte-americana de 2008. Ele seguiu na construção até 2020, quando passou a administrar seu patrimônio e outros investimentos, até entrar no projeto de sua escola de esqui. **D**

Lula e Trump, soja do Brasil e inadimplência

Sugestão do vencedor do Nobel, Joseph Stiglitz, aos europeus, sobre "imitar" postura de Lula junto a Donald Trump, e o volume da dívida dos brasileiros foram destaques nas redes

Nobel de Economia diz que UE precisa enfrentar Trump e seguir o exemplo de Lula

O economista estadunidense e vencedor do prêmio Nobel Joseph Stiglitz publicou um artigo de opinião no jornal online Project Syndicate sobre como a União Europeia (UE) deveria conduzir as negociações com Donald Trump. Ele encerra o texto com um conselho para que o bloco econômico imite a postura do presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, e do chinês Xi Jinping.



462 mil 16 mil

China troca soja dos EUA por brasileira, e exportação do Brasil bate recorde em 2025

A exportação de soja do Brasil deverá somar 102,2 milhões de toneladas de janeiro a outubro, superando os volumes registrados ao longo do ano completo de 2024 e 2023, quando o país marcou seu recorde anual, em meio a elevadas compras da China, apontou nesta quarta-feira a Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (Anec). Em todo o ano passado, quando a safra de soja quebrou por problemas climáticos, as exportações brasileiras atingiram 97,3 milhões de toneladas. O recorde anterior de embarques da oleaginosa do Brasil, maior produtor e exportador global, havia sido registrado em 2023, com 101,3 milhões de toneladas, segundo a Anec.



446 mil 17 mil

Inadimplência bate recorde, e mais brasileiros afirmam não conseguir pagar dívidas

Os brasileiros ficaram mais endividados e mais inadimplentes em setembro, segundo a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). A proporção de famílias com contas em atraso subiu a 30,5% em setembro, maior patamar da série histórica iniciada em 2010, apontou a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic). Além disso, houve um recorde de 13% das famílias brasileiras dizendo que não terão condições de pagar suas dívidas em atraso, ou seja, que permanecerão inadimplentes. Segundo a CNC, a pesquisa "aponta um quadro de crescente fragilidade financeira."



372 mil 4,8 mil

Symone Rech aposta em método e sensibilidade para decifrar o mercado de moda

Com três décadas de experiência na indústria têxtil, Symone Rech transforma dados, comportamento e sensibilidade em estratégia. À frente da New & Now, ela traduz tendências globais em soluções práticas para o mercado brasileiro de moda.



12 mil 30



No comando da Sumirê, Renata Minami conduz modernização de um legado familiar

Renata Minami faz parte da segunda geração da família que fundou a rede de perfumarias Sumirê, em Jacareí (SP). Hoje, dirige o processo de modernização da empresa, que passa por um ciclo de expansão e adota um modelo corporativo de gestão.

29 mil 125

Palavra por palavra



TOMAZ SILVA/AGÊNCIA BRASIL

"Não pintou química, pintou uma indústria petroquímica"

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República, sobre a afirmação do presidente norte-americano Donald Trump, de que houve "química excelente" com o brasileiro durante um breve encontro nos bastidores da Assembleia Geral da ONU

"O cenário base é uma desaceleração da atividade, mas não ao ponto de levar a economia à recessão"

Paulo Picchetti, diretor de assuntos internacionais e de gestão de riscos corporativos do Banco Central, sobre a economia brasileira em seminário do J.P. Morgan realizado em Washington



LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

"A Farm está muito longe de ser o que é uma marca fast fashion, mas muito distante. Pelo processo criativo, a gente está muito mais para um slow fashion"

Katia Barros, diretora criativa e cofundadora da marca Farm, do grupo Azzas 2154, resultante da fusão entre Arezzo&Co e Grupo Soma



PAULO PINTO/AGÊNCIA BRASIL

"Meu objetivo é me tornar a Dama de Ferro"

Sanae Takaichi, ex-ministra e apresentadora de TV eleita líder do Partido Liberal Democrata (PLD) do Japão, legenda no poder naquele país há quase sete décadas, em referência à ex-primeira ministra britânica Margaret Thatcher



KYODO/REUTERS

DIVULGAÇÃO

Pagamento de fornecedores sem comprometer o fluxo-de-caixa



Ricardo Cotrim

é CEO da Prajá

Serviços de assistência 24 horas, agências de influencers, empresas de serviços de saúde (Hospitais e Clínicas), instalações diversas de móveis e equipamentos. Algumas das maiores empresas da atualidade, nesses setores, têm, na linha de frente, no contato com os clientes finais, trabalhadores terceirizados. A lógica por trás do modelo é simples. Escalabilidade facilitada, principalmente para lidar com a sazonalidade da demanda, acesso a talentos altamente especializados sem o peso de mantê-los na folha de pagamento e questões relacionadas a custos operacionais.

Dentro desse modelo, porém, o bom relacionamento com prestadores de serviços terceirizados e fornecedores é hoje um fator determinante para o sucesso das empresas que o adotam. Pense, por exemplo, em um vendedor de equipamentos de ar-condicionado que depende de técnicos para instalar o produto na casa dos clientes finais e dar conta da alta demanda em um verão excepcionalmente quente. Ou em um hospital, que precisa de médicos, enfermeiros e técnicos plantonistas.

A percepção sobre o serviço, em ambos os casos, dependerá em boa medida da qualidade e da disponibilidade dos profissionais em contato direto com os clientes, ainda que sejam terceirizados. Ao mesmo tempo, muitas empresas vivem o drama de equilibrar o fluxo de caixa entre os prazos de recebimento dos clientes e o de pagamento dos fornecedores. Em especial em períodos de juros altos, como o vivido atualmente no Brasil. Quando as empresas contratantes submetem os prestadores a longos prazos para recebimento, isto pode comprometer e até mesmo inviabilizar a operação, o que se reflete na qualidade do relacionamento entre as partes.

A gestão dessa mão de obra terceirizada, que demanda fluxo de caixa mensal, é um ponto crítico, por ser um fator estratégico de diferenciação para o negócio. Existe sempre a possibilidade de um prestador de serviço buscar trabalhar para concorrentes. Ou mesmo, por questões financeiras, ter dificuldades para manter o nível de serviço e atendimento aos clientes finais. Mas há atualmente no mercado

estratégias de negociação e gestão financeira que ajudam a resolver este tipo de dilema. Uma delas é a adoção de novas ferramentas de antecipação de recebíveis – um mercado com potencial estimado pelo Banco Central brasileiro em cerca de R\$ 1,8 trilhão por ano.

O desenvolvimento de novas tecnologias digitais permitiu a criação de serviços de adiantamento do pagamento de notas a vencer a prestadores de serviços, transformando recebimentos no longo prazo em recurso imediato. Assim, em vez de esperar 30, 60, 90 ou até 180 dias, em casos extremos, o fornecedor pode optar por receber mais cedo, em troca de um pequeno desconto. No Brasil, empresas de diferentes setores, como construção, publicidade, tecnologia, agronegócios, saúde e assistência 24h, entre outras, já vêm adotando soluções do tipo para lidar com a pressão de fornecedores e prestadores de serviços por pagamentos em prazos mais curtos. Embora para o prestador de serviço haja um custo associado, a prática pode auxiliar sobremaneira a equilibrar o fluxo de caixa e evitar a necessidade de recorrer a financiamentos com juros elevados, maior burocracia e prazos de liberação dos recursos. Para a contratante, é uma forma de atrair e reter prestadores de serviços, fortalecendo relações comerciais e a competitividade, sem comprometer o fluxo de caixa, e sem nenhum custo adicional por esta prática.

Para além de alternativas mais novas, como antecipação de recebíveis, há sempre soluções tradicionais, como a implementação de um controle rigoroso do fluxo de caixa para identificar picos e períodos de baixa liquidez, abrindo a possibilidade de criação de reservas de emergência ou a negociação antecipada de linhas de crédito com melhores taxas. Ou ainda a contratação de consultorias especializadas em contabilidade e finanças para identificar gargalos e oportunidades de melhoria na gestão financeira.

Mas nenhuma delas resolve a questão de modo tão simples e permanente, garantindo, no longo prazo, um relacionamento com os fornecedores – fator que é fundamental para o negócio. **D**

Paixão sobre rodas.

A front-facing view of a car, mostly in silhouette against a dark background. The car's headlights and front grille area are highlighted with a bright blue glow, creating a futuristic and sleek appearance.

MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br





PRAJÁ

Entre

**E DESCUBRA O PARCEIRO IDEAL
PARA ANTECIPAR PAGAMENTOS.**

PRAJÁ, plataforma tecnológica especializada na antecipação de pagamentos para prestadores de serviços terceirizados e fornecedores, facilitando relações comerciais e potencializando negócios, sem custos para os contratantes.

PraJa é uma empresa parceira do Grupo Entre, um ecossistema de tecnologia e meios de pagamentos, que garante mais agilidade, segurança financeira e inovação para melhorar a vida financeira de milhares de prestadores de serviços e impulsionar o crescimento das empresas.



FALE CONOSCO
PARA SABER MAIS

PRAJÁ

É UMA EMPRESA PARCEIRA
DO **GRUPO ENTRE.**